

TIÃO: Começa comigo aqui. Eu sou Tião, né, eu sou moro... Cês passaram na porta, cês vieram de avião ou cês vieram de ônibus?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: De avião.

TIÃO: Ah, tá, então cês passaram por cima de mim. Eu sou um acampado na reforma agrária, mas hoje moro na beira da BR. Fomos despejados, altas histórias que a gente tem aí, fomos despejado e continuo morando lá, tô na segunda gestão aqui do sindicato, na sequência da terceira, agora. Mais o camarada vai se apresentar também.

ZÉ MATILDE: Eu sou o Zé Matilde, eu moro no distrito aqui do Município de Valadares, 52 quilômetros daqui, e faço parte também da coordenação do sindicato.

AROLDO: Eu sou o Professor Aroldo, sou historiador, e trabalho na Universidade do Vale do Rio Doce.

LUCIVANA: Eu sou a Lucivana, também faço parte da direção do sindicato de Valadares, e do movimento de mulheres camponesas.

JOSÉ: Meu nome é José Aparecido, eu hoje sou do assentamento de Barra Azul, do distrito de São Vitor, e fui da direção do sindicato, né, por ocasião da retomada na década de 80, 88, e hoje eu tô lá na minha área, tamo aí na batalha.

MARCELO: Meu nome é Marcelo, eu sou professor da UFJF, Direito, sou voluntário da COVEMG.

MONIQUE: Meu nome é Monique, também sou voluntária da COVEMG, sou advogada lá em Belo Horizonte, e a gente tá aqui fazendo um trabalho, a nossa subcomissão dentro da COVEMG é a subcomissão de camponeses, que investiga as... Conflitos agrários, mortes e desaparecidos, ocorridos na época da Ditadura, de 46 a 88, que é o nosso recorte.

ROBSON: Bom, sou Robson, sou professor da PUC Minas, responsável por essa subcomissão dos trabalhadores e também coordenador atual pela Comissão da Verdade. O nosso objetivo aqui é conhecer a verdade do Estado de Minas Gerais, né. Que existem várias comissões, a Comissão Nacional da Verdade já terminou o trabalho. A nossa Comissão, ela foi criada em 2013 e o prazo dela deveria ser em 2014, 2 anos, mas não foi possível terminar o trabalho, então nós retomamos o trabalho com decreto do atual governador, prorrogando por mais 2 anos de atividade. Nós terminamos as nossas atividades oficialmente agora no dia 7 de Julho, né. Como nós demoramos um pouco por questão de recurso para conseguir uma equipe de pesquisa, equipe de campo, só foi efetivado agora no final do ano, nós estamos nessa fase final dos

trabalhos, que é coleta de informações, provas, testemunhos, para compor um conjunto probatório de provas, evidências para o relatório final aqui da Comissão de Minas Gerais, e também para algumas indicações de procedimentos futuros que podem ser feitos, né, feitas através dos levantamentos. A Monique vai falar direitinho sobre a nossa finalidade aqui, mas o nosso principal objetivo aqui no sindicato é os eventos que envolveram os trabalhadores rurais, né, o evento que aconteceu lá com o Chicão, ele tá bem documentado, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (Trecho incompreensível).

ROBSON: Isso, mas a gente precisa saber de mais detalhes, né, se vocês puderem informar, e precisamos também, né, vi os documentários do professor (trecho incompreensível) “Na lei ou na marra”, que está lá na assembleia, mas a gente precisa além desses depoimentos, a gente está precisando muito de documentos, né, com outras informações, registros que vocês tenham, né. Por exemplo, tem aqui uma fala constante de que muitos trabalhadores rurais teriam sido mortos naquele período, mas a gente não tem o nome de uma pessoa ou de uma família, não tem o registro de documento. Então na nossa conversa aqui, se vocês puderem falar bastante sobre isso, o que vocês têm de informação, vai nos ajudar muito tá.

CELSO: Bom, meu nome é Celso, eu trabalho na Comissão lá também, em Belo Horizonte, sou jornalista e faço esse apoio das imagens, das gravações aqui na região.

CLÓVIS: Meu nome é Clóvis, mais conhecido como Clovinho, eu moro no assentamento (trecho incompreensível) de cima, atualmente tô na coordenação do sindicato aqui junto com esses companheiros, e sou militante do MTA, Movimento dos (trecho incompreensível) Agricultores.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Uhum. Eu, igual eu falei com a mulher, eu até convidei pessoas até com mais idade que nós para, que vivenciou tudo isso mas, um é o seu José Reis, que já não tá falando coisa com coisa, o Zequinha, convidei o Zeca, o Zequinha pode ser até que apareça.

LUCIVANA: Ele veio cedo e falou que ia vim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ham?

LUCIVANA: Ele veio cedo para confirmar se ia ter, ele falou que viria depois.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E o Senhor Ziquinha lá do Córrego dos Prazeres, que é da direção nossa, mas lá pode ser por questão de chuva, que choveu muito à noite, estrada de chão, nós têm que ir pra lá, reunião à tarde, mas... E assim, o futuro também, ainda tem pessoas, né, lá no assentamento.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Urucuca?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, que na última vez o pessoal da Assembleia Legislativa fez um trabalho também sobre essa coisa, e aí tratou de ver, de ouvir eles e não foi, a gente foi lá, conversou com eles, estão uma história viva, o barraco deles foi destruído, não foi bem a questão do sindicato, mas a questão do pobre, daquela coisa toda, que não foi a história de Valadares, né. Abrangeu a região toda, então eles são prova viva, né, a mãe com os filhos, chegou olha: “Cai fora com os filhos, que senão queimo todos ocês”.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ham?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas era a mesma região da história do Rio de Janeiro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mesma região.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então, assim, nós trouxemos a direção toda que é pouco mesmo, é só para vocês, tá?

ROBSON: O relato envolvendo especificamente o, aquele episódio da sindicalização em torno da figura do Chicão, um pouco da figura do Jornal Combate com o Carlos, isso parece que está bem documentado, né, hoje, por exemplo, por um acaso a gente foi lá onde teve o evento, e eu encontrei com um líder comunitário, Senhor Jair, que é o presidente da associação de bairros lá, que inclusive...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, cês foram lá no Santa Terezinha?

ROBSON: Santa Terezinha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, tá.

ROBSON: Relatou um pouco do, daquele episódio. Mas nós temos, assim, várias questões que nós estamos, assim, em aberto, não tem muito. Primeiro, falta um pouco de documentação, né, mas que também testemunhos podem nos ajudar, porque é essa questão relativa ao que aconteceu depois do evento, com os trabalhadores rurais, né, termos de perseguições, etecetera e tal, e essa história inclusive, professor (trecho incompreensível), essa, que é uma fala muito constante de que naquele período muitos trabalhadores teriam sido mortos, inclusive fala, assim, que foram jogados no Rio Doce etc. e tal. E não, a gente não consegue nada, porque a nossa

comissão, além dos testemunhos, que são muito importantes, a gente precisa de ter provas documentais para caracterizar, por exemplo, ação efetiva de agente do Estado. O que significa isso? Participação de um policial, de um juiz, né. Se foi a mando, tem que ter esse nexos causal, ou seja, quem mandou a pessoa fazer, para essa parte a gente comprovar que o Estado brasileiro, ele já usou da força e da violência para perseguir, para matar. Então isso também é uma parte importante, se vocês souberem de informações, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É complicado a informação nesse nível, né, sem uma pesquisa aprofundada, e realmente uma pesquisa de investigação que vai a fundo, né. Primeiro, porque quem tem um relato extremamente interessante do que sucedeu pós 31, né, de março, é a esposa do Carlos Olavo, Dona Zulca, né. Porque, na verdade, o Carlos Olavo e o Chicão foram tirados daqui, né, por ordem do próprio governador Magalhães Pinto, e foram levados por um oficial, né, desceram a Rio Bahia até Realeza e subiram para Belo Horizonte, mas a esposa dele ficou aqui com mais seis filhos, né, então ela vivenciou aquela situação. Parece que o pessoal do partido levou a família, ela e os filhos para uma casa de um companheiro, né, próximo à usina açucareira, né, mas é difícil esconder quando você tem seis filhos, né, é complicado. Aí parece que alguém lá deu, fez, comentou, né. E a polícia teve lá e atrás dela, e depois foi atrás do Carlos Olavo, né, depois que viu que ela não, que ele não estava. Disse que ia trazer ela para a cidade, falou que era perigoso, que os fazendeiros, né, já sabiam que ela estava lá. Por que isso? Porque na verdade os fazendeiros tavam armados, então na verdade, até 30 de março, quando tem um conflito no sindicato, a polícia entra intervindo, impedindo esse conflito. Com o Golpe, há um afastamento momentâneo, e aí quem toma o controle da situação é essas milícias de fazendeiro, milícias privadas. Aí tem gente aí na cidade, isso tem que fazer investigar, eu não, eu nunca escrevi sobre a história, não, mas, por exemplo, que trazia as armas de São Paulo, que o governador de São Paulo fornecia, né, essas armas e o pessoal ir buscar. Eu até conheci em um bar aí um que dirigiu o carro buscando essas armas, né, e ele realmente tava armado. Então os relatos, por exemplo, eu ouvi um relato do Ivanor Taz, que foi dono do jornal aqui durante muito tempo, né, e ele falando que era na época, era um rapazinho, e que as pessoas andavam armadas, a carabina, que é winchester, era uma vestimenta, muito comum usar o sobretudo, né, porque era muita poeira, e o trem também, né, se usava muito a viagem de trem, então era uma cena de faroeste, realmente, né. Tem até um francês que se refere assim aqui na época, né, guarda um ar de faroeste. Então o que a gente sabe é que de 31 de março até meados de 65

imperou uma ordem privada, e nessa ordem privada muitos absurdos foram feitos, né, mas não tem, assim, e... Mas tem que se investigar isso, né, há que se fazer um esforço de investigação. O governo não só, essa violência foi feita simplesmente para se apropriar da terra dos outros, aí ou era posseiro ou era agricultor familiar, ou era fazendeiro também, porque muitos na região aqui do São Vitor, muitos fazendeiros, pequenos fazendeiros, médios fazendeiros perderam a terra para fazendeiro poderoso, que tinha muitos jagunços. Tudo bom, Zequinha?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Se apresenta aí, Zequinha, para o pessoal.

JOSÉ: Eu sou o José Ferreira de Souza, conhecido por Zequinha, e fui convidado para vir aqui na reunião para falar para vocês alguma coisa que eu tenha conhecimento, é isso aí, tô aí.

ROBSON: Eu sou Robson, lá da Comissão da Verdade, Monique, colega, Celso, e também nós estamos acompanhados aqui pelo Professor Marcelo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eles tão tratando da parte que se refere à violência, ao Golpe de 64, que envolve os camponeses.

JOSÉ: Ah, sim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas aí, ô... Quer dizer então, são questões a investigar, porque a gente escuta, né, essa violência, né, e o que a gente escuta é o seguinte, ou, né, a pessoa vende a terra dele ou a viúva vende, é isso que a gente escuta aí, né, que ou a pessoa vendia ou a viúva vendia. Então mortes ocorreram, né, mas não tem, não tem trabalhos realmente feitos que vão investigar nesse nível. Quem morreu? Porque morreu? A mando de quem, né? Lá no Urupuca, lá cês podem ouvir o relato: "Foi fulano que chegou, fez isso", não sei o que, não sei o que, não sei o que, eles colocam claramente. Dona Maria, ela relata nos mínimos detalhes quem fez, né, e como é que se sucedeu e tudo. Então, assim, na verdade imperou uma violência privada durante um determinado tempo, depois o Estado vai retomar o controle da situação, mas na verdade esse controle, no que diz respeito, né, ao distrito, que diz respeito, né, à zona rural, às pequenas cidades, na verdade vai, o Golpe vai abrir um poder privado sem precedentes. E esse processo é um processo que vem de antes, né, dessa violência, mas não tem... Teria que se investigar isso, para chegar nesse nível de informação que vocês desejam, não é uma coisa que se faz... Por quê? Cê conversa sobre isso, as pessoas as vezes preferem não falar sobre isso, né? Tem um senhor que me deu um relato detalhado de como tomou a terra dele, quem tomou, quem tá envolvido, não sei o que, não sei o que. Contou detalhes, né. Aí "ocê me dá uma entrevista?", "Ah, não, as pessoas, não posso, não", porque envolve, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O pessoal lá de Urupuca foi difícil nós convencer eles para poder vir, porque eles...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É Urupuca?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É. Para eles ser ouvido. Lá dá até o nome das pessoas. É a Dona Maria, Maria do quê, (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eles tomaram a terra...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível) antes, e recuperado na luta agora da...

ROBSON: São José de Safira?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: São José da Safira.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Urupuca era o centro de toda a tensão pela terra que precede 64 e que vai ser instrumentalizado pelos golpistas para criar um cenário de, né... Mas aí, eu acho que era assim, que na verdade o que se tem muito é a história do relato de algumas pessoas, o próprio Carlos Olavo, né, mas quando cê vê, por exemplo, o relato da Dona Zulca, cê já vai em um outro nível de relato, de quem viveu, que o relato do Carlos Olavo era um relato pronto, né, construído, né. E aí teria que entrevistar essas pessoas, que realmente tem a confiança das pessoas, que ainda estão vivos, que se dispõem a contar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E além do...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E aí tem que pegar também os processos, né, do tribunal, né...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tem um advogado aqui em Valadares que tem. Eles arquivou, conta toda essa história em detalhes, tem o depoimento dos fazendeiros, que o Marcelo eu convidei ele para tá aqui, mas o Marcelo é um advogadozinho (trecho incompreensível).

ROBSON: Como que é o nome dele?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Marcelo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Marcelo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Marcelo Cardoso Machado.

ROBSON: Marcelo Cardoso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, porque nesse material tem isso... O juiz aqui era um cara extremamente correto, Doutor Joaquim, famoso, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: São 3 processos (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E quando a partir de 55, que começou a exigir, ele começou a exigir a (trecho incompreensível) *in loco*, antes de dar direito de posse, ele desarmou o esquema de grilagem, então isso aguçou as tensões muito, a violência se tornou muito mais extrema a partir do momento. Mas os casos iam para o tribunal, então, né, o próprio caso que o Carlos Olavo relata, né, eu pensava que tinha muito jornalismo ali na história do Carlos Olavo, né, mas estudando o arquivo de terra do Estado, né, que é um arquivo vivo, que vem desde o século XIX, né, e aí, assim, todo, toda a questão envolvendo os Luz, né, o Horácio Luz, né, o irmão dele, sobrinho, tudo tá lá, né, então não tem nenhuma coisa que o Carlos Olavo faz ali que é exagero.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Uhum.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tudo que ele relata ali é absoluta verdade, ele só deu um dom jornalístico e criou um romance para as pessoas lerem com mais interesse. Mas os fatos ali são absolutamente, né, corretos, né, eu pude constatar vendo, estudando os arquivos da repartição de terra. Hoje tá na mão do, do... Como que chama o negócio que o Marcos Heleno mexeu lá, o...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Linca.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Iter.

ROBSON: Iter?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Iter.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Inter. Mas a guarda dele tá lá no negócio da Ruralminas, não existe nem mais rural minas, né, acabaram com a Ruralminas.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (Trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Lá indo para, o Ceasa lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, nós fomos lá, nós chegamos a visitar lá, na Ruralminas, mas, assim, não tá homologado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, mas é fácil achar, porque tá ordenado por relação, nome alfabético.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Por nome alfabético.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E por região, porque as repartições eram por região, então cê pega Aimorés, cê pega Valadares, cê pega Manhauçu.

ROBSON: Marcelo, em relação a essas, esses processos do seu xará, tem como, por exemplo, copiar isso e mandar para a gente?

MARCELO: Tem, tem sim, eu acho que a Taiara ainda tem, eu tive acesso no ano passado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cê lembra que tem bastante detalhe desse conflito.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Assim, ele tem uma variação de intensidade, assim, no relato dos casos, que é até interessante fazer uma análise mais profunda assim, mas em termos documentais, assim, há um certo velamento, assim, muito grande em relação ao, a uma possível diretriz para encontrar esse documento. Eu não sei se esse sindicato aqui, ele guarda algum tipo de documentação a partir de quê, de qual ano.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nós têm alguns materiais aqui, cês podem dar uma folheada depois.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas é mais recente.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas é mais recente, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, tem material, sim, da mobilização dos trabalhadores, essa coisa tem, documento autentico aqui, mas, assim, também é um pouco solto, porque foi destruído bastante coisa, né. Na sede lá, o Zequinha deve, pode contar alguma coisa, foi destruído, aí então foi recuperando com muita dificuldade, no período que era até proibido de mais.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ficou na mão de fazendeiro até 88.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aí o Zé, essa edição da retomada do sindicato, depois...

ENTREVISTADORA: Isso que eu queria saber. Qual que é a história do sindicato, data de criação, o que que aconteceu com ele depois desse acidente de 64...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, beleza.

ENTREVISTADORA: E quando que ele foi, não só quando ele foi retomado em 89, que eu sei, mas assim, qual que é a história dentro do período da Ditadura.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Esse documento aí é o primeiro documento, é o primeiro documento, de fundação do sindicato, que, aqui, 64.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era 64?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 64.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Esse sindicato aqui é um dos primeiros a ser criado, na verdade havia um duplo movimento na época das ligas camponesas, que era, achava que a luta era pela reforma agrária e do Partido Comunista que achava que devia lutar por direitos trabalhistas e fundado o sindicato.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aqui você pode folhear, tem ficha do Chicão, continua com as falas ou já deixa eles folheando?

ROBSON: É porque o seguinte, se vocês autorizarem.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, pode.

ROBSON: Porque esse documento, esse material vai ficar todo depois todo disponível para...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pode ir folheando aqui para você ver.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aqui, dá para ele tirar foto.

ROBSON: Para o Brasil inteiro, né, que os novos (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível).

ROBSON: Né? Inclusive nós podemos digitalizar e mandar para vocês depois uma cópia digitalizada.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Beleza.

ROBSON: Né, para vocês terem...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E eu tenho material, pra vocês terem uma ideia, eu tava folheando esse celular, tem material que já tá até deteriorando, daqui uns dias não vai conseguir nem ler mais, porque os instrumentos da época...

ROBSON: Essas outras pastas, elas tem material também? Porque enquanto ela vai conversando ele vai fotografando.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O que tem mais do que cês tão querendo, antigo, é isso aí.

ROBSON: Tá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aqui, ó, também tem alguns jornais.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Agora o jornal...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Retomada, né, José? Alguma das fotos, elas são retomada.

ROBSON: E aqui são material de reforma agrária?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: De reforma agraria.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E de certa forma ele cobria esses acontecimentos de Água Doce. Então de Água Doce ele tem um arquivo e todo dele. Ele tá guardado, o proprietário do jornal mantém um arquivo dele, né, nós estamos até fazendo um trabalho de pesquisa com base no jornal, e passando por ele eu fui vendo que tem muita coisa, os acontecimentos, os conflitos, as mortes, né, então tem que... É coisa que dá trabalho, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Depois de 75, 75, né?

ENTREVISTADORA: É, a gente tava entrevistando a Maria antes de vim para cá, a Maria Guimarães, e ela falou que teve uma entrevista de 83, 84 com o Chicão.

ROBSON: É, tem uma longa entrevista que ele deu no jornal chamado Em Tempo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

ROBSON: Que depois foi publicada na íntegra pelo Diário Rio Doce.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Diário Rio Doce.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E detalhe, tem várias reportagens do diário ali.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É? Tá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tem?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Deve tá aqui.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tá, isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aqui, o sindicato é o seguinte, ó, em 62, né, o coração do Partido Comunista que estava atuando, né, fortemente aqui na região desde 54, organizando, né, ajudando a organizar os trabalhadores, os posseiros, né, e havia também um apoio muito grande aos posseiros, porque eles que movimentavam o comércio, a maior parte da população era rural e esse pessoal que vinha comprar no comércio, e que ajudava o comércio, para vender não gasta, né. Então tinha um apoio muito grande, então em 55 ocorreu aqui a primeira grande manifestação, talvez do país, pela reforma agrária, em 55, né. O sindicato, o pessoal conseguiu com apoio do sindicato ferroviários, inclusive foram muito perseguidos depois de 64, toda direção dos sindicatos ferroviários foi presa, porque eles davam apoio à luta dos camponeses. Então em 55, eles conseguiram, né, que um trem viesse, se não me engano de Naque, né, e outro viesse aqui de Esplendor, pegando todo mundo pela estrada e trazendo. O pessoal da redondeza tudo aqui encontrou na praça da estação. E o prefeito aqui na época, chamava Landislau Sales, apoiou também a luta, vários comerciantes, né, simpáticos ao, ao PC, né, o

(trecho incompreensível), né, o pessoal da Guimarães Machado, né, que eu acho, esse aí eu acho que até era, né, mas apoiaram, e o pessoal fez uma grande passeata. Saiu da praça da estação marcando as duas canas enorme, uma faixa, né, “Reforma agrária no campo, para fartura da cidade”, e vieram desfilando, passaram pela Avenida Minas Gerais, passaram em frente de uma padaria, que, como chamava a padaria que ficava no Clube do Boi, a, aquela padaria na Minas Gerais ali, o, Padaria Globo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Globo, onde funcionava, ficava os fazendeiros, era uma espécie de bolsa de mercadoria, né, que os fazendeiros compravam, vendiam, não sei o que, chegavam ali, passou diante daquilo, então foi uma grande, ou seja, as tensões foram crescentes nesse sentido. E aí isso desembocou na criação do sindicato, foi um dos primeiros a serem criados, aí teve um congresso em Belo Horizonte, o primeiro congresso, né, camponês no Brasil. No congresso venceu a tese das ligas camponesas, a tese do PC foi derrotada no congresso. O presidente do sindicato daqui, que era ligada ao PC, seguia mesmo o PC, não concordou, achou que não se sentiu bem tendo, sendo partidário de uma corrente implementar outra. E aí numa assembleia ele abre mão da presidência e pergunta quem quer assumir, o Chicão prontamente, né, assume a presidência, o Chicão era vinculado, né, ao PC, era da periferia do PC, né, não era alguém da direção do partido, né, mas alguém vinculado. Ele assume, e assume no fundo esforço da reforma agrária, e ele é recebido pelo presidente Jango, né. É, isso vai criando, aí o primeiro projeto embrião, né, da reforma agrária que era a principal reforma de base do Jango iniciaria aqui, porque tem uma fazenda aonde o assentamento, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O ministério esteve lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Do ministério, (trecho incompreensível) do ministério seria o projeto piloto da reforma agrária, então, e o ministro, o cara da Supra, né, o (trecho incompreensível) estaria aqui, né, então isso vai criando uma tensão enorme, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu tenho ali cópia do convenio que foi assinado entre a prefeitura e a Famig, para vocês terem acesso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então assim, só para ter uma dimensional, o nível de tensão, o golpe ocorre dia 31 de março, dia primeiro de manhã, logo cedo, tinha um senhor chamado Otávio Soares, que era farmacêutico, fazendeiro, o segundo farmacêutico da cidade, ele foi um dos fundadores do partido da emancipação e liderou o processo de emancipação do

município em 38, na década de 30, uma pessoa extremamente respeitada, querida por todo mundo, ele tinha, né, o filho Augusto e o filho Wilson, que trabalhava com ele na fazenda, cuidava da fazenda, ele tinha um outro que era médico, né, esqueci o nome dele agora.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Milton.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Milton Soares. Quer dizer, logo cedo três fazendeiros vão lá e matam por puro ódio, então dá para perceber o clima, ou seja, o alvo principal que acabou não morrendo na hora, né, que escapou foi o Wilson, qual o único crime que ele fez? Ter pegado os trabalhador da fazenda e filiado no sindicato. Então o ódio era um ódio, era um ódio mortal, o, esse ex prefeito Legislau Sales era o secretário de saúde do Magalhães Pinto, o Magalhães Pinto mandava ele vim cá acalmar a situação. Toda vez que, e ele foi o fundador do sindicato patronal aqui, tinha uma fazenda aqui, quando ele foi pedir calma: "Cê é comunista", foi e fizeram uma ata e expulsaram ele do sindicato, né. Ou seja, fez uma mágoa para ele que ele ficou até 2000 sem voltar, sem pisar em Valadares, né, de tão magoado que ele ficou, só quando o governo do João Passarela fez um ato, várias pessoas pediram desculpa, fizeram atos agravos, né, e tudo, ele retornou, né, e passou a frequentar a cidade quantos anos depois, né, e foi em 2000, 2001 se não me engano. Ou seja. Então era, é disso que está se falando, então as pessoas não querem falar sobre isso, as pessoas tem receio de falar, mesmo passado 30, 40 anos, né, agora já vai dar cinquenta e.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cinquenta e três.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cinquenta e três anos, tem pessoas que tem receio de falar. Então é disso que está se enfrentando. Por exemplo, teve um conselheiro Pena, né, teve um boato que rodou igual rastro de pólvora, e olha que não tinha whatsapp na época, né, que os trabalhadores iam tomar o poder e iam enterrar os fazendeiros vivos, porque tinha um cara cavando um buraco lá para enterrar o dono da terra, que o fazendeiro. Quer dizer, era um clima de tensão, então assim, é difícil trabalhar com isso por causa disso, as pessoas tem receio de falar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Teve um camarada lá em Pedra Corrida que também foi do partido comunista, eles, nós fomos atrás, tentamos, não conseguimos localizar, parentes, disse que tinha parentes, os parentes não apresentaram para nós, os próprios parentes do cara, já tem mais de uns 40 anos que desapareceu, a família não quer nem falar sobre o camarada.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Esse é o caso de uma pessoa que desapareceu?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Desapareceu. E aí assim, ocê viaja e tem um taxista que eu venho sempre com ele, foi ex policial, ele conta relato de pessoas, né, enquanto nós tamo falando de camponeses que morreu, aquela ponte do (trecho incompreensível) que vai para a casa do José Aparecido é um lugar de desova de corpos, jogava camponeses vivos lá dentro, chegava com caminhão e pedra, sei lá o que que era que eles jogavam.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não jogava não, jogava não, eles amarravam uma pedra no cara e falava com o cara assim: “Joga essa pedra lá embaixo para o rapaz”, o cara: “Joga a pedra rapaz”. O cara jogava a pedra e ia junto com a pedra, se não jogasse a pedra o governo tava em cima, aí então eu tava, é, anteontem eu tava assistindo uma novena, e o padre leu uma leitura do livro de Reis, o Rei Acab, o rei Acab queria...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O rei Acab, o rei Acab queria comprar uma vinha dum vinhateiro, e o vinhateiro não quis vender a vinha para ele não, ele falou: “Eu preciso plantar uma horta”, o rei Acab tinha muito terreno, podia plantar a horta dele em qualquer lugar que ele quisesse, mas ele invocou com a vinha do cara para plantar uma horta. Aí o cara não quis vender a vinha para ele, falou: “Não posso vender porque é herança da minha família” e tal, esse cara deveria ser um posseiro, como, depois tem uma outra história que eu vou contar que aconteceu aqui com os Avelinos, alguém aqui quer, conhece esses de Avelino? Não?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Graças a Deus não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tenho medo de Avelino não. O Júlio Avelino aqui em Valadares fez a mesma coisa que o rei Acab fez lá no passado. Aí a mulher, ele chegou em casa e ele sentou, ficou triste, aborrecido, a mulher falou com ele: “Porque que cê tá triste assim, tão aborrecido?”, “Não, é porque o problema é o seguinte, eu quis comprar uma vinha de fulano e ele não quis me vender a vinha, eu trocava com ele e ele não quis trocar, eu precisava de fazer uma horta lá naquela vinha dele”. A mulher falou: “Não, a vinha vai ser sua”, a mulher dele falou com ele: “A vinha vai ser sua”, ela reuniu o (trecho incompreensível), colocou dois bandidos, dois pistoleiros para falar contra o camarada que o rei Acab tinha conversado, pegaram ele e levaram, mataram, botaram os cachorros para lamber o sangue dele, os cachorros lamberam o sangue dele na verdade. Aí ela voltou para casa e falou com o rei Acab: “A vinha é sua, a vinha é sua”, e contou para ele o que tinha acontecido, aí o profeta Elias apareceu e junto do rei Acab, e falou com ele: “Olha, você matou, cê mandou matar fulano para ficar com a vinha dele, né, os

cachorros lamberam o sangue do camarada lá, do oposto, mas os mesmos cachorros que lambeu o sangue dele vai lamber o seu”. Quer dizer, a história ela é religiosa, para nós na Bíblia, nós acreditamos, que somos católicos acreditamos nessa questão. Aconteceu aqui com os Avelino, cê conhece os Avelino né? Os Avelino pelo amor de Deus gente, você falou que eles mataram o farmacêutico, como é que chama?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, ele tava no meio (trecho incompreensível) dos fazendeiro que matou o Otávio e o Augusto.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Júlio Avelino era um dos matador do cara que ele contou a história gente, irmão do Avelino lá dele, nós morava na no córrego dos Pinto, e um dia apareceu um cara lá com um revólver, atirando para tudo que é lado, pá, pá, o cara chamava Jonas. As minhas tias iam para a casa do meu avô e encontrou com ele no meio do caminho dando tiro, “Eu matei um lá e mato mais”. Aí tudo bem, quando chegaram lá na vinda do seu Manoel, o João Pedro tava caído lá, morto, e o seu Manoel tomou um tiro no braço assim, vazou de um lado para outro, e o cara foi embora, desapareceu, um tal de Jonas, mandado de quem? Do Júlio Avelino, irmão do

que matou o farmacêutico aqui no centro da cidade, que matou um farmacêutico aqui no centro da cidade foi o Maurilio, o Figa, que era dos Coelho aqui da cidade, que aqui em Valadares quem mandava aqui era os Coelho, se eles falasse que a Usiminas não vem pra aqui, não vem não. Hoje nós dependemos de colocar o nosso lixo lá em Ipatinga porque Ipatinga não foi construída aqui, tá entendendo? Então o seguinte, essas histórias a gente sabe, eu não sei se ocês conhecem a rua Pascoal de Souza Lima, a rua Pascoal de Souza Lima é por causa de que? Porque o Pascoal de Souza Lima era genro do capitão Pedro, depois foi coronel e morreu. Então o seguinte, esses camarada, ele foi atacar o sindicato do Chicão lá, mas não foi o sindicato que matou ele, foi a própria polícia que matou. Porque que eles mataram ele?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O capitão não gostava dele, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O capitão não gostava dele porque ele casou com a filha do capitão, mas eles comentavam que ele era homossexual, a filha dele devia ter contado para ele que o cara não dava (trecho incompreensível), né. Então o seguinte, então essas coisas que a gente sabe, depois passado, depois nós fundamos o partido dos trabalhadores, o pessoal aqui ocupou lá a fazenda Oziel, os Pereira, né, e a gente tava lá, o Carlos Olavo teve lá, né, com nós, o Carlos Olavo era santa pessoa, ele saiu daqui vivo porque alguém protegeu ele, senão ele tinha

morrido também, ele e o Chicão, saiu os dois vivo porque foi protegido. Então o Chicão que não voltou aqui mais não, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Voltou.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Voltou?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Voltou.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cê tá entendendo? Então o seguinte, o Chicão eu não conhecia a pessoa não, mas o Carlos Olavo era uma pessoa finíssima. Agora tem um jornal que não sei se foi (trecho incompreensível), que tinha aqui em Governador Valadares, tinha o Diário do Rio Doce, tinha a Tribuna Fiel e o Jornal do Combate que era um jornal que dava cobertura para o sindicato rural, cê tá entendendo? E ele foi, eles foram atacados lá, entendeu, o Combate é um jornal muito bom que tinha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era o jornal de maior circulação que tinha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Maior circulação, melhor que o Diário do Rio Doce, o Diário do Rio Doce, essa desgraça que fica protegendo o sistema até hoje, mas ele lá vai crescendo, cê precisa de ver como ele lá vai crescendo, cê sabe, a gente cresce é para fora não é isso? Ele cresce é para dentro, daqui uns dias o Diário do Rio Doce.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Vai ser feito (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Diário do Rio Doce vai acabar, rapaz, eu não sei porque que eles não falam assim de uma vez: "Acaba com isso". Se fica falando da esquerda, porque nós no Brasil.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Hoje por exemplo, ontem, né, a edição de ontem, tem um artigo do filho do Altino.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Zé Altino, ele sempre escreve o jornal.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que, falando da constituição de 88.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele escreve nessa.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na edição de ontem.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tá falando impressa?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele fala contra?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Contra a constituição de 88.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não é de estranhar não, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não é não, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, ele é, tinha que cortar, eu vou na nossa reuniões.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pode ficar à vontade.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu vou nas nossas reuniões e fico triste quando eles mostram aquela desgraça daquele (trecho incompreensível) perto de mim, rapaz, dá vontade de sair, desaparecer, ocês não sabem quem é o pai daquele cara rapaz, é brincadeira, cês matavam um cara aqui em Valadares...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E ele também, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cês matavam um cara aqui em Valadares e ia pro centro ali na fazenda e ninguém botava a mão nocê não, ele não deixava, e o coronel Altino, não sei se alguém aqui conheceu ele?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cê conhece o Zé, que cês tão falando, o Zé Altino? o Zé Altino ele foi presidente do sindicato lá na Serra Pelada, o sindicato dos garimpeiros, o pai dele era mais alto do que ele, dessa largura assim, um homaço, uma bitela, gigante, e ia com uma junta de boi de um lado, se um boi levasse (trecho incompreensível). Ele fazia força junto com um outro boi, tacava o boi com uma mão (trecho incompreensível), cê tá entendendo? Eu trabalhei na sua cidade comercial com o (trecho incompreensível), e um dia nós vendemos um molho de cabo de aço para eles, 100 metros de cabo de aço de 5 oitavos, e tava eu e o Tucha lá pegando para poder botar lá ele falou: "Para, cê não é homem não poxa, vou mostrar procês o que que é homem". Enfiou uma mão só no rolo de cabo de aço de 100 metros, jogou lá dentro da traseira da caminhonete, falou: "Homem é isso rapaz, tá vendo?". Mas morreu com coluna, morreu de coluna, porque fez força demais. Então o seguinte, a história de Governador Valadares é triste, é triste cê ouvir.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Agora, desses trabalhadores que foram mortos, a gente consegue informação de uma família, alguma coisa, pelo menos para caracterizar isso? Por exemplo, o senhor estava falando dos trabalhadores que amarrava uma pedra e falava: "Chuta lá", a gente consegue uma família que fala: "Ó, eu tive um filho que desapareceu", a gente precisa de alguma coisa, entende, eu precisava de coisas reais, concretas, o senhor sabe de alguém?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu não sei, sabe porque? Presta bem atenção, se a gente soubesse que essa reunião tinha aqui hoje para a gente falar isso, a gente teria caracterizado uma pessoa dessa.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Entendi.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cê tá entendendo como é que é? Por exemplo, a família do seu João Pedro foi lá no córrego dos Pinto, e eu tinha 4 anos quando aconteceu isso, com o seu João Pedro, eu tenho 71 anos hoje, cê entendeu como é que é? Então por exemplo, é difícil, eu fiquei sabendo desse negócio da ponte lá que o menino contou, um capitão da polícia militar ele era mais ou menos da altura do meu ombro, o capitão, o capitão Faria, lá do seu Raimundo, e ele é da altura do meu ombro assim, e ele falou pra nós que eles levaram os camaradas para lá e amarrava a pedra no cara e mandava o cara jogar pedra lá embaixo, eu falei assim: “E se o cara não jogasse?”, (trecho incompreensível) matava ele assim mesmo, sabia que ele ia morrer, então ele jogava a pedra e ia junto com a pedra.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele sujeito ele fala sem problema nenhum?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele já morreu esse cara, agora a família dele eu conheço, mas a família dele não deve saber dessas coisas não, que depois ele falou que ele tinha que ser um homem bom, ele estudou inglês, dava aula de inglês de graça para a sociedade para não cobrar, porque eu já fui muito ruim, aí ele contou para nós: “Nós fomos prender um camarada para o lado de Derribadinha”, cê sabe onde é Derribadinha né? Para o lado de lá do rio.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eles são de fora.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Do lado de lá do rio, foram prender lá aonde é a fazenda da dona Sinhá, e eles vieram de lá para cá, ele e mais dois soldados, ele era pequenininho, da altura do meu ombro assim, soldadinho, pequenininho. Aí então quando eles chegaram na cabeceira da ponte do seu Raimundo, dois camaradas estavam sentados no varal da ponte, e falou com ele assim: “O dinheiro ou a vida”, ele falou: “Mas eu não tenho dinheiro”, no escuro, né, “Mas não tenho dinheiro”, ele falou: “Não, é o dinheiro ou a vida”. Foi aquela teima o dinheiro ou a vida, aí um dos bandidos falou assim: “O menino pode passar”. Diz ele que quando o menino passou, os dois caras caiu n’água, o Benvindo perguntava ele: “O senhor matou eles, atirou neles e matou?”, ele falou: “Não, eles caiu n’água”, não falava que matou não, caiu n’água. Então quer dizer, é umas histórias que não tem jeito, entendeu? Não tem jeito de você simplificar esse trem não, mas a família do capitão Faria eu conheço ela, de vez em quando eu encontro com uma

moça dessa na rua, entendeu? Eu posso encontrar com ela e perguntar pelo, a história do capitão, e depois te contar e ocê passa para eles.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pra olhar isso tem que pegar, é um trabalho de pesquisa que não foi feito, para ter uma ideia, eu nasci e cresci na cidade, só saí para estudar, eu saí e fui fazer História, nunca tinha ouvido falar de nada disso, porque não se comentava isso na cidade.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Dos anos 70, dos anos 80, as pessoas não falavam sobre isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas ninguém proibia não, as pessoas que sabiam que eram os proibidos mesmo ué, tinha medo de morrer ué.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tinha um senhor, que eu convivi muito com ele, até o, ele faleceu em 83, eu sei que ele faleceu com oitenta e pouco anos, eu sempre pedia para ele contar sobre 64, ele: “Não, não é bom falar sobre isso não”, e pulava e contava caso da época do (trecho incompreensível). Mas nunca falava, um dia eu apertei ele, falei assim: “Ah, eu tava pensando no meu cumpadre, não sei quem, nós tava falando que não é bom falar desse assunto não, que não faz bem para a saúde”.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Uhum.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que era uma expressão antiga, não faz bem para a saúde é risco.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: De morte.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E ele foi me contar que era amigo do Chicão, amigo assim, pessoal, não era nem por causa do sindicato não, era amigo do Chicão, né, de frequentar, ser compadre, mas nunca tinha, não falava disso, então as pessoas não falam, não é porque alguém proíbe.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas tinha muita repressão na época?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, na época, não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É o medo daquele 64 a 65, a violência que se imperou aqui, né, o medo que ficou, as pessoas não tinham seguro, porque impôs-se um poder privado, né, e eram terra de pistoleiro, aqui era região de pistoleiro, não só que atuava na região, mas que atuava Brasil afora.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu fui acompanhar aqui, já nos anos 90, eu fui acompanhar um processo, que nós tivemos que tirar, da fazenda dos Avelino, não sei qual deles, que eles era muito, fomos tirar junto com a polícia federal, eu não fui na ação, não sei se o Zé foi, sei que a Martinha foi, fomo retirar a pessoa de dentro, foi junto com a polícia federal, e a polícia federal falou: “Se cês tiver armado”, a polícia, “E alguém olhar para vocês cês podem meter fogo”.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Qual ano isso?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso nos anos 90, me parece que eu tenho relato, não sei o período. Aí depois o que que aconteceu, os camarada ameaçaram a diretoria do sindicato todinha, tô falando agora, de coisa recente, depois o Zé pode falar um pouco, ele é da retomada, mais o Zé Matilde, né. Então aí eles ameaçaram todo mundo, como eu não fui na ação, eles pediram que alguém que não fosse para ir, aí fui eu e um advogado, o advogado aquele Zacarias. O fórum na avenida Minas Gerais ali, o fórum trabalhista, aí cheguei dentro do saguão do fórum, aí sentou o fazendeiro, o pistoleiro dele armado dentro do fórum, no fórum armado, aí o Pedro chegou antes e falou: “Vem cá fora” e me (trecho incompreensível) vou pedir o juiz para não te ouvir ocê, que senão vai ser, ocê não vai ser ameaçado, ocê vai morrer mesmo, porque cê tá apresentando. Eu falei: “Não, eu vou ué, eu vim aqui para isso e vou lá”. Mas aí ele foi, o juiz, aí eu fiquei, enquanto o Pedro foi para a audiência, inclusive o juiz deu banho de casa para o trabalhador, o trabalhador (trecho incompreensível) desaparecido não pode aparecer, se aparecer morre, até hoje, né. Aí o, eu fiquei só eu e o capanga dos Adelino, e a mulher, o cara mirava dentro do meu olho assim, igual um casal apaixonado e mexia no revolver. Uma situação mais, eu nunca passei numa situação tão, depois dessa, e coisa nova, coisa de 90 para cá é coisa nova, imagina o que que era isso antes de, né, então são fatos que eu falo assim, que eu falei, coisa que eu vivi, o Zé quer falar também um pouco sobre a retomada, ele é um dos mais maduros.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu acho o seguinte, sempre, eu já fui provocado algumas vezes por várias pessoas sobre esse assunto, né, dentro da própria comissão, é, acho (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A Carol, ela (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu falei: “Ó, gente, eu não sei eu posso contribuir muito, porque? Medo. Quando o golpe aconteceu eu tava com 10 anos de idade, eu sou de 54, o golpe foi 64, né, e aí esse caso aí, a gente morava nesses (trecho incompreensível) aí, cê não tinha informação, isso não rolava, né, então assim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível) se o sindicato não levar não tem, né, algumas coisas.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, então.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Passou na televisão.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na verdade eu vim a entrar no movimento sindical aqui na região foi a partir de 88, né, que nós, foi, né, foi a tomada junta também. Então a gente, é, era até uma pena, que eu tava conversando com (trecho incompreensível) me ligou semana passada para confirmar essa reunião aqui, e aí eu falei para ela justamente sobre isso, eu falei: “Olha, eu não sei se eu posso contribuir muito”, nós temos um problema, o movimento sindical, eu falei foi no nosso caso aqui, nós fizemos vários encontros aqui naquela retomada, que nós trouxemos muito desses caras nas reuniões, inclusive trouxemos um dos caras que ficou encurralado naquela fazenda lá, ele não saiu, ele teve na reunião com nós, eu lembro disso, mas onde é que tá o cara, não lembro mais, foi lá em 88 ainda, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, a gente era muito jovem, não preocupava de anotar e não gravava.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aqueles debates que a gente fazia mais era no sentido de como nós vamos retomar daqui para frente a reorganização a partir do que aconteceu, nós não tinha muita preocupação com esse negócio, não, vamos registrar, marcar esse troço, onde é que cê tava, se a gente precisa de alguma coisa, a gente não preocupou com isso. É, mas, essas famílias, elas se encontram, talvez não pode ser algo, algumas dessas que estão falando lá do, lá do, do Urupuca.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Do Urupuca.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Urupuca, pode ser, né, pode ser alguma dessas famílias, não sei, eu sei o que a gente fez, e o Avelino, então o último encontro que foi feito aqui do movimento de mulher a dona Martinha trouxe também um grupo de pessoas que vivenciaram a situação na época, e eles contaram, e parece que esse grupo era, eles estão à disposição.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A dona Sônia conta muito essas histórias.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas eu não me lembro mais quem são as pessoas, e onde se encontram, então (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E essas pessoas já estão bastante velhas também, a qualquer momento pode ficar sem eles também.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então, então, inclusive é bem urgente isso, né, mas, agora, eu me lembro da época nossa, foi, que a gente morava aqui na região, eu lembro de alguns fatos, eu lembro por exemplo um dia que meu pai tava trabalhando, meu pai trabalhava naquela companhia de açucareiro, a (trecho incompreensível) aí, e a gente morava aqui, ó, nós viemos morar aqui no conjunto (trecho incompreensível) naquela época era, como é que chama, bairro Pastoril. Então nós moramos ali no barracão, tinha um barracão, número 8, que atravessava a linha. Eu lembro o dia que meu pai largou o serviço, veio para casa preocupado, porque o que que eles faziam, aquela coisa que ocê tá falando aí, o boato, eles enchiam o carro, inclusive enchia o carro de pessoas e criança o que fosse, e mandava pular dos carros. Meu pai largou serviço, perdeu o serviço por causa disso, porque nós ficava aqui afóra brincando aqui, e eles com medo de que isso acontecesse com a gente. Para nós (trecho incompreensível) eu tava o que, com 8 anos mais ou menos por aí. Então assim, a gente, não tem muita coisa palpável que a gente possa ajudar, o que a gente tem é um pouco esses retalhos, documentação que a gente conseguiu juntar na época, e eu tenho ali uma fita do caso Olavo, que pode ser que tenha alguma coisa, no depoimento dele (trecho incompreensível) vocês pegaram dele, pode ser, é um bom depoimento, foi realizado pela união operária logo na, logo na retomada, logo no início de toda a discussão que começa a rolar aqui na região. Tem umas entrevistas dele interessantes, mas é o máximo que a gente tem condição de contribuir, e se for o caso, e se for o caso de continuar esse trabalho, a gente pode fazer todo esforço de conseguir, fazer uma tentativa de localizar esse pessoal, eu sei que tem uma outra família aqui, eu não sei mais aonde, eu tive na loja deles aqui, os caras era do partidão, tivemos lá uma época lá para conversando com eles, contamos toda essa história da época, eles tem uma loja aqui. Mas eu não sei mais quem, a família e nem qual a loja.

Nós vamos pedir depois uma colaboração do pessoal da universidade federal de Juiz de Fora, o professor Marcelo tá aqui, eu não sei se a Univale pode ajudar, quem sabe podia gravar esses depoimentos, sabe, dessas pessoas, e fica uma cópia com o sindicato, outra com a gente, que isso pode ser uma coisa muito importante.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu tenho até um co-orientando da universidade lá de, que tá fazendo mestrado lá em Juiz de Fora, que o tema da tese dele é o movimento de 64, de repente.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele já veio aqui já?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, ele tá começando agora, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Qual que é o.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, ele tá querendo, ele não tá ainda, tá definindo ainda um orientador.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah tá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele tá definindo ainda, mas de repente a gente canaliza isso para ele, pode interessar ele.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu tô querendo dizer o seguinte, pra nós.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível), ele tem que ter recurso, pegar um estudante para fazer isso, se não tiver, fazer por interesse próprio ele não vai fazer sem uma bolsa, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Agora, a Luciana tá lembrando aqui, muito bem lembrado, seu Valdivino, seu Valdivino também.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Seu Valdivino.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 90 anos em.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: De onde o Valdivino?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É daqui do município de Itaipava.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Itaipava?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele tá com mais de 90.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ainda é lúcido?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Completamente.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele tá, a última vez que eu fui na casa dele ele já tava acamado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas ele já tá bem, mas ele tá lúcido.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, tá lúcido ainda.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tá lúcido, mas só que ele tá acamado, ele não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, só para completar, na retomada aí, essa questão que coloca do medo da pessoa falar, assim, nós mesmos na retomada do sindicato aqui, que foi em 88, né, aconteceu um fato interessante, a sede nossa ficava, onde é que ficava antes?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mercado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era num outro lugar, depois nós viemos para o mercado. Aí, acho que era no mercado, aí no dia tomamos posse, a direção do sindicato, aí a gente, é, casinha ali, aí então a gente, a gente começou a dar um tom diferente aqui para a questão da organização sindical, né, começamos não, agora nós vamos para cima. Eu, e um funcionário nosso na época que era o Zé Gonçalves, tava lá na sede sentado, um cara entrou lá dentro com revólver, botou revolver na cabeça dele, falou, não, primeiro ele foi lá pro cara para fazer um acerto, acerto de rescisão de contrato de trabalho. Aí o Zé não fez, porque a rescisão ela não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não condizia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não tava de acordo, né, aí o cara pegou e botou um revólver na cabeça dele, “Cê sabe, cês sabe com quem cês tão se metendo?”. E aí assim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Essa palavra é comum.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E aí quando foi na segunda, isso foi numa sexta feira, aí eu fui embora, quando foi segunda feira cheguei, o menino tava todo, ele tava todo, todo descontrolado, ele falou: “Olha, aconteceu uma coisa que se cês não tomar providências eu vou tomar”. Contou a história eu falei: “Não, cê pode correr atrás aí que a gente, que a gente vai dar todo apoio”. Aí bom, depois, depois dessa aconteceu uma outra aqui em Valadares, esse mesmo grupo, né, resquícios desse mesmo grupo, e era resquícios dele, né. Aí tinha aquele, tinha um bar aqui, que era o bar aonde ia todos os grupos, até me esqueço o nome do bar agora, sei que lá ia todo mundo, gay, lesbica, ia todo mundo ali. E os homens fez uma batida na cidade naquela noite, e era véspera de quadrilha, eles passaram na quadrilha, aonde eles passaram, aí já foi a polícia, né, montou a polícia militar (trecho incompreensível), e deram uma varredura, desceram o cacete em todo mundo. Que foi nesse bar também que chegou lá e pegou os caras e pegou e mandou o homem sentar no colo do outro, mandou o homem beijar na boca do outro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso a polícia militar?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A polícia militar e a civil, sabe? Todos os dois, as duas forças para poder fazer isso. E o menino mais uma vez, o funcionário nosso estava lá, aí chegamos, foi no fim de semana de novo, na segunda feira chegamos, aí ele falou: “Olha, aconteceu assim, assim, aí, tô falando procês, se ocês quiserem tomar uma providência tudo bem, senão eu vou eu vou encarar isso sozinho”, eu falei: “Pode juntar as provas que cê tiver aí, pode contar com a gente”. Aí nós, aí o sindicato tomou a, tomou a luta, aí quando nós fomos

descobrir na verdade se tratava de um grupo de extermínio que (trecho incompreensível), já daquela época. Aí nós conseguimos inclusive desmontar esse grupo, eu sei que.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Existe algum inquérito sobre isso?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na verdade isso ficou só naquela, só naquele negócio: “É na luta, vamos denunciar e pronto” e cabou, que a gente.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O ministério público abriu algum inquérito?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cês lembram para quem que cês recorreram?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na época, na época a gente recorreu diretamente, aqui nós corremos diretamente com o comando aqui, né, denunciemos no comando, e aí eu lembro que na semana seguinte que nós denunciemos o fato, eu tava lá no sindicato de aí a pouco chegou um policial procurando por mim, (trecho não identificado) sou eu. Aí me entregou uma carta, aí lá na carta tava colocando, nós apoiamos a luta, reconhecemos a luta do sindicato tal tal tal, mas como é que fala, não concordamos que se apoia bandido. Quer dizer, para eles aquele pessoal que tava lá era bandido, aí nós de novo voltamos lá, aí foi descobrir que na verdade se tratava de um grupo de extermínio, que ainda era resquício dessa época. É, o que de fato que a gente tem de concreto, que aconteceu com a gente no período da gente é isso, né, o resto é um pouco esse relato que esse pessoal (trecho não identificado) que (trecho não identificado), que são a prova viva, né, poder enriquecer aí essa discussão, mas assim, do ponto de vista de muitas coisas novas para vocês disso que vocês estão precisando, que a gente na verdade.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Gostaria de conhecer, porque tá precisando, né, na verdade eu entrevistei a pouco tempo um oficial, ele foi delegado especial durante muito tempo, né, exatamente no período pós 64, atuando em toda região aqui, né. Ele fala assim, que era um trabalho muito difícil, que era lutar contra mandante de crime e pistoleiro, né, e que muitas vezes a, os locais contavam com um cabo, um sargento e dois praça, como que enfrentava, né, esse tipo de pessoa? Então ele usou a seguinte expressão, né, era uma época de gente brava, e aí a gente tinha que enfrentar essas pessoas, né, e que resolvia as coisas de forma privada.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Me permita uma coisa aqui, nós tamo com um processo aí de trabalho escravo, que não sei daqui que esse troço tá em processo ainda, que o patrão, e

não são dos grandes, não são grandes fazendeiros, ué, tem um juiz envolvido, tem o filho do juiz envolvido, o filho do réu, que, coisa, e a polícia militar. Tô com um processo ali, eu vou ser ouvido essa semana, o advogado vai ser ouvido, tem um preço, (trecho não identificado) senão nós teria entrado no coisa, isso agora, isso de 2010 para cá, agora que tá, ainda bem que o fazendeiro tá sendo condenado, tá sendo pelo ministério público federal, pediu a condenação dele. A gente sabe que não vai dar em nada também, né, porque o cara tá todo envolvido em processo de corrupção e aquela coisa toda. Então se nós não tivesse trabalhado muito, então isso é coisa dos anos atuais, é coisa, né, eu tô aqui com a confirmação que vou ser ouvido agora dia 22, se ocê não tem alguém com um pouquinho mais de coragem, nós fomo, os cara tentaram raptar o trabalhador na porta do fórum para desistir da causa, confusão, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Agora, é.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ocês são 4?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Claudinho queria falar um pouco também, que acho que é importante também, sobre a questão de Urupuca.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 1, 2, 3, 4.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 4?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 4.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu tô com medo docês ué.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É uai.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pode ficar tranquilo, (trecho não identificado).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Quando o Zé Aparecido tava falando, aquele menino ali coçou o rosto assim, eu falei: “Ué”.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho não identificado).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sobre essa questão desse delegado que depois foi oficial, como que é essa situação aí da participação de agentes públicos nessa história toda?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Porque assim, é, o que eu sei, o trabalho que eu tô desenvolvendo, né, então assim, não tenho nada muito conclusivo não, mas o que, havia uma preocupação grande do estado, né, de acabar com o crime de morte, era uma coisa comum aqui, ou seja, e aí resolvia as coisas pela violência. Existe uma cultura da violência muito grande, não

só em Governador Valadares, mas Valadares é de certa forma o centro, né, dessa cultura, né, teve em 2009, né, uma manchete no país todo, que depois de Foz do Iguaçu, o lugar pra adolescente com mais risco de vida era aqui, mas os motivos são motivos mais diversos, muitos deles fúteis, então quer dizer, existe uma cultura da violência, logico que essa cultura da violência não é de agora, ela vem dessa raiz da formação histórica do lugar, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Continuidade, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E aí a, havia uma rede de delegados especiais, um procedimento que o estado de Minas tem desde a época do século XIX, regiões onde que impera o crime de morte, o estado designa um oficial militar, né, bravo, né, condição, que seja capaz de enfrentar situações extremamente diversas, nomeando como delegado especial. O capitão Pedro foi delegado especial.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então o capitão Pedro era delegado especial?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Especial, é.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É uai.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então ou seja, e aí o objetivo principalmente era acabar com o crime de morte, esse era o objetivo, acabar com a pistolagem, pistolagem e o jaguncismo, né, são duas coisas, essa era a principal função deles. Então assim, então, aí quando cê pensa uma, quem matou o Chico Mendes, pistoleiro é daqui, né, adora, de quem matou, aqui. Todos os grandes crimes, né, que ocorreram recentemente envolvendo a luta pela terra saiu daqui.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho não identificado).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Você conhece o Ricardo Assunção?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É disso que nós tamo falando, entendeu, então as pessoas vão falar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O tio do Ricardo Assunção, ouviram falar dele também?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho não identificado).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Só que já passou 50 anos, tá na hora de falar. Então assim, essa, eu acho que a comissão da verdade tem um papel importante quando se pensa nessa região, porque mais do que pegar um caso ou outro, é devolver para a sociedade o direito de lembrar, tempo de uma coisa que é ruim, né, mesmo no período que é ruim, mas lembrar isso é fundamental para processar isso, para superar isso, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Agora.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu acho que é fundamental.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Agora eu acho que o grande problema dessa realidade que nós tamo enfrentando aqui é assim, mesmo que a gente fala assim, as pessoas (trecho não identificado) pessoas falar, mas cê tem um problema, né, a sua voz (trecho não identificado), seu limite tá aqui perto.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Claro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tá aí o caso, né, nós enfrentamos, e a coisa mais corriqueira que nós tamo enfrentando agora é essa questão aí da denúncia do trabalho escravo, coisa que, né, e os caras acham que isso tem que ser tratado ainda na base da, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Vai lá Claudinho, fala aí.

CLÁUDIO: Eu acho que é, essa questão aí da violência, isso é uma coisa, essa raiz não acabou, nem sei quando vai acabar em Valadares, né, é, bastante complicado isso, e eu acho que quando as pessoas tem medo, é porque as vezes morreu o avô, morreu o pai mais o filho tá aí, né, essa família dos Altino aí é um exemplo disso, né, sabe que isso aí é.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Os Avelino.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho não identificado).

CLÁUDIO: E que a gente sabe como que é perigoso, aí tem gente que (trecho não identificado) da família. Mas eu queria assim, participar lá da Urupuca, né, da companhia de formou a Urupuca, eu acho que é interessante, e aí eu já quero até colocar a parte que é fácil pegar um relato, porque tem um, era (trecho não identificado), né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah é, ele gravou todo.

CLÁUDIO: É, que foi lá comigo e nós fizemos um trabalho já com um cavalo de idoso lá, que eu acho que eu não sei se hoje tem condições de contar a história, né, mas na época eles contavam, inclusive era muito emocionante quando contava, que os dois choravam, dois chorava, contava e chorava, tinha momento que chorava, tinha momento que sorria, tá. Mas era muito emocionante, então esse casal eu não sei se vai dar conta de contar essa história hoje, né, eles tá vivo ainda, eu tenho certeza que os dois está vivo, mas, e quando eu falo casal é casal porque é um homem e uma mulher, né, mas eles não são casados. É, e o Diego tem um relato muito bem feito, né, que ele fez, né, que nós fizemos com ele.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Diego é aquele que trabalhou no Ima?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, o Diego é meu aluno lá, aquele.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho não identificado).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Para a gente conseguir uma cópia desse relato.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu tenho que achar, isso tá nos arquivos lá, o Diego eu tenho que perguntar para ele onde que ele copiou, né, que é digital, né, foi uma câmera digital.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho não identificado).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, eu passo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Para não perder, garantir que isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, eu tenho que perguntar para ele, que isso é do trabalho dele, né, não sei se ele tá disponível, né, porque ele tá trabalhando em cima disso, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Deixa eu contar a história.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então esse casal, o homem é o seu Givalgino, né, ele foi uma das pessoas que, ele com a família, o pai dele tinha terra lá naquela região, e foi naquela época despejado na base do, e aí que eles contam que não era só pistoleiro, a polícia também tava, e a mando, a mando do deputado daquela época (trecho não identificado) e Antônio Pereira que tenho vergonha de falar que Antônio Pereira é meu conterrâneo, ele é da mesma região do grande Jacaré, todo mundo vizinho no Jacaré. Então tem até, tenho raiva de falar isso mas infelizmente a gente tem que falar, né, sabendo que o camarada é da mesma região e faz isso. Eram dois deputados, e tinha a mando desses deputados a polícia foram lá e tiraram, primeiro esses que chegaram (trecho não identificado), e aí ele disse que por causa disso ele teve que sair para trabalhar de vaqueiro para os outros, e o pai foi para Belo Horizonte, com um determinado tempo o pai dele não ficava sem ele, pediu ele para ir para Belo Horizonte, ele foi, ficou 25 anos em Belo Horizonte, quando saiu a proposta da ocupação lá da Urupuca, ele voltou, retornou. Só que aí ele tem um sentimento que ele disse que a vontade dele era ir para o pedaço de terra onde era do pai dele, só que foi para outro, e não foram deles. Da mesma forma a dona Maria conta, teve comigo lá também.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ela voltou para o mesmo pedaço dela.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A dona Maria conta que quando aconteceu isso ela tava com uma criança de colo, e eles despejaram, tinha uma outra vizinha dela inclusive comadre, que tava grávida, mandou eles para a beirada do rio, e já veio com o gado, os toureiros na frente e a boiada atrás, soltou no meio de mandioca, arroz, feijão, milho que tava para colher. E ela conta,

conta e chora, diz ela que essa comadre dela ganhou criança dentro de uma Canabrava, Canabrava é um mato que cresce.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na beira do rio.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na beira do rio, tiveram que juntar e fazer a caminha, fazer um lugar lá para a mulher ganhar a criança dentro daquele mato. Aí ela disse que eles tiveram por aí, e à noite eles voltava para tentar arrancar a mandioca, roubando o que eles tinham plantado, ela falou assim, quer dizer, a palavra de efeito, “Nós tinha que roubar o que nós plantava”. E muita das vezes os pistoleiros ainda davam (trecho não identificado) balaio de mandioca para trás. É muito emocionante a história, não sei se eles hoje tem condição de contar isso, ela, o marido dela naquela época teve que sair para trabalhar fora, é, deixou o menino pequenininho, quando ele chegou e não conheceu o filho mais, que o filho já tava rapaz, ele não conhecia o filho nem o filho conhecia o pai, né. É uma história assim muito triste, o casal tá lá ainda, não sei se vai dar conta de contar essa história, porque (trecho não identificado) tá bem velhinho, não sei se eles dá conta, mas na época era emocionante a história deles. E aí ele deixa claro que ele, esse pessoal foi a mando do deputado Osvaldo (trecho não identificado) na época, e Antônio Pereira de Almeida.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Zé, cê quer.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu também não tenho quase nada para falar também não, porque o que eu sei quase tudo já foi relatado aí, né, só sei de uma coisinha também que aconteceu na, na fazenda do ministério que hoje é Oziel, né, assentamento Oziel, uma família que morava lá que um deles passou a morar lá quase vizinho meu, casou na família e foi morar lá depois. Aí eu conheci três irmãos dessa família, eles moravam na, eles eram do conselho da fazenda do ministério aí, aí ele conta que eles tavam de manhã bem cedo, eles levantaram, tomaram café, tava preparando as ferramentas para ir trabalhar, e aí chegou, chegou um carro cheio de polícia, com polícia, com os pistoleiros, e um caminhão atrás. Aí chegaram e falaram assim: “Nós viemos aqui para dizer procês que o prazo docês sair daqui é 5 dias, dessa casa”. Aí ali não tinha conversa, né, não tinha conversa, aí já foram entrando dentro de casa, já começou a pegar tudo que tinha dentro de casa e jogando em cima do caminhão, foi jogando tudo em cima do caminhão e depois mandaram eles subir: “Pode subir em cima do caminhão também”, e tava com galão grande assim de gasolina, e jogou gasolina na casa e pegou fogo, e trouxeram ele e soltaram ele na BR ali, bem perto ali do trevo ali do seis ali, pra baixo um pouco ali, colocaram

tudo debaixo de uma arvore lá, todas as coisas deles, e a família toda, e aí foram embora, e a casa já foi queimada e eles tiveram que caçar, caçar rumo, caçar casa de amigo para ficar até arrumar lugar de morar, né. Aí eu conheci três da família, um é Cezário o nome dele, o outro é Adilá, Adilá ocê sabe quem que é, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele já morreu, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E Miguel.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Adilá morreu.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Adilá morreu, Cezario morreu, o Miguel eu não sei, eu acho que já morreu todos os três, só isso que eu sei (trecho não identificado) que já contaram aí que parte disso aí eu já sabia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas essas, essas historinhas são muito comuns, os que tem coragem de contar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E aí eles contavam isso e chorava viu.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E essas pessoas que foram para esse caminhão, quem que eram?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era polícia e pistoleiro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É porque é o seguinte, até meados dos anos 50, a maioria dos agricultores eram posseiros, né, e havia uma lei no estado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E os fazendeiros eram grileiros.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, havia uma lei no estado que permitia alguém pagar uma taxa de ocupação, né, e pagar essa taxa retroativa, então por exemplo, um fazendeiro cria terra de um posseiro, né, que é o caso da dona Maria que ele contou, era até um fazendeiro compadre, igual a história da bíblia que ele contou aqui, sem tirar nem pôr uma vírgula, mesma coisa, quer a terra do outro tendo muita terra. E aí se o cara é posseiro e não tem o título da terra, mas ele tava lá no campo, a maioria é analfabeto, não sabe ler, não tá acompanhando, não sabe o que tá acontecendo. O fazendeiro, né, ele vai lá, paga na coletaria do estado a taxa retroativa, 15 anos, 10 anos, retroativo, e larga um processo que era administrativo junto na secretaria da agricultura, ele tinha uma terra em nome dele, né, ele vai ao juiz, e aquele que ocupa a terra 15, 20 anos, vira o invasor da terra, ele pede uma reintegração de posse, aí vai com a polícia lá para ocorrer a integração da posse, o despejo, né, o despejo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É o que eles fazem com os sem terra hoje.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O maior despejador de terra aqui, né, aparecia lá em Sobrália, foi a Belgo, o despejo da Belgo, despejava era dezenas de família de uma vez só. Essa pessoa que eles tavam falando aqui, o coronel aí, ele trabalhava para a Belgo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Altino.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho não identificado).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O pai do Zé Altino, e pai do Tininho que foi candidato a prefeito também, Matias Lobato, eles quer ocupar o poder.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso aí na década de 50, entendeu, aí a partir, aí as tensões vão aumentar exatamente a partir do momento que o juiz vai mandar verificar in loco, se o juiz manda verificar ele descobre que o cara é posseiro, então mesmo o outro tendo título de propriedade, prevalece o direito de posse, então já não executa mais. Aí que vai, a violência passa, a que tá lá no relato do Carlos Olavo, do Braselino, não sei o que, não sei o que, não sei o que, que já agia com violência. E aí que vem a história de que: “Cê me vende, então não vou te tomar, eu quero comprar, cê me vende, eu pago tudo, a benfeitoria, eu pago tudo”, e a pessoa não tem escolha, cê não tem escolha, porque se cê não vender ele morre numa tocaia e a viúva vende, ela tá com 6, 7 filhos, ela vai fazer o que?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Olha, cê sabe qual que era, mais ou menos a tensão mais específica da Belgo aqui em Valadares.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A região de São Vitor.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 3 mil habitantes que tem.

De São Vitor porque ela tirava, ela tinha um pessoal da extração, produção de carvão, São Vitor, Itapenuam, Nova Brasília, e Alto Santa Helena.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Alto Santa Helena.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Alto Santa Helena é um local fantasma lá, as casinhas, os armazéns grandes, tudo bonitinho, mas só não tem gente mais, é uma típica cidade fantasma, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tem uma relação clara entre Belgo Mineira e ditadura, por exemplo?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A Belgo financiava, financiou a montagem de um jornal aqui, a Belgo Mineira ajudou a financiar, né, a organização dos fazendeiros, a Belgo Mineira preferia que as terras fossem para a mão dos fazendeiros, porque ela preferia negociar com

fazendeiro do que negociar com dezenas ou centenas de pessoas de uma comunidade, né. Então assim, havia uma relação da Belgo com o Juscelino, porque o Juno Soares, né, cunhado de Juscelino, era o superintendente da Belgo, da companhia pastoril e da açucareira, antes da, que a Belgo vendesse para cobrar, né, então a relação estreita da Belgo com a política mineira sim, é umbilical.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ela era privada ou estatal?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Privada.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Privada?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Privada. Então assim, mas aí eu não, isso aí são questões a investigar, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho não identificado) Ipatinga eu acho que foi um lugar de certa forma de, entre aspas acolhimento, acho, pelo que cê contou, de certa forma ficou apossado entre Valadares e Monlevade, de certa forma tinha outros.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ipatinga, Ipatinga era onde que a Belgo operava, Coronel Fabriciano era o centro de toda extração de madeira, de carvão, era, Coronel Fabriciano cresce em torno das operações da Belgo. E aí a decisão de colocar a usina em Ipatinga tem a ver com a proximidade com Acesita que já tava lá e com a energia necessária para a usina, né, mas Ipatinga vai ser um lugar de tensão violenta, gente chegando do campo para trabalhar na usina, vai ter um massacre famoso de Ipatinga, cês devem tá olhando sobre isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sim, nós investigamos também.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É que Monlevade por exemplo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tudo isso aqui era área de atuação do sexto batalhão, pegava toda essa região, de Manhauçu, né, Manhumirim, Caratinga, subindo até a divisa da Bahia, tudo era área, tudo era área do sexto batalhão, era.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Da PM.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Da PM, sexto batalhão, porque aqui é o sexto batalhão da polícia militar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas o coronel Altino não era militar não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, ele não era.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele não era militar não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele não era.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele era coronel de patente comprada, que a Belgo Mineira arranhou para ele, aonde a Belgo Mineira tomou terreno para a Belgo Mineira, era o coronel Altino que era o chefe que dominava tudo, esse Zé Altino, quando o pessoal tá reunido que fala que uma desgraça daquela vai falar me dá vontade de desaparecer.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele é ligado ao PMDB.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cê tá entendendo como é que é? É brincadeira gente, nós temos em Governador Valadares gente que ainda dá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho não identificado).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Carlos Olavo é um cara fora de série, conheci ele, entendeu, é brincadeira pô. Nós brasileiros, nós precisamos de abrir a nossa cabeça entendeu, por exemplo, vocês vem aqui a gente fica com medo, falar uma verdade com cês, eu tenho medo de falar, tá entendendo como é que é? Na época do coronel Altino, coronel Pedro, cê tava conversando e entrava um camarada aqui no meio de nós, sentava ali e ficava ali, é rapaz.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, porque isso aí é uma coisa que ninguém comentou aqui não, mas.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Daí a pouco ele rancava um revolver e atirava em alguém, matava, é brincadeira.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Quando tava fundando esse sindical, cê lembra Zequinha, lembra aqui ó, me fez lembrar aqui, quando tava fundando aqui o movimento sindical, a união operária, 79, 80, 81, 82, o próprio PT que cê tava fundando, né, nós não fazia uma reunião sem gente bisbilhotando a reunião.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tem não, nós tinha, nós tinha aqui um sargento que ele é arquiteto da, ganhou um diploma de arquitetura no Midi, pago pelo sexto batalhão. Nós temos um outro soldado, ele chama Djalma, ele é cabo da polícia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Djalma?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Djalma, o sem-terra botou ele no pau lá na beira (trecho não identificado) rio Bahia, devia ter matado aquela desgraça lá, cê tá entendendo como é que é. Então o seguinte, agora eu vou contar a história da minha família. O meu pai, o meu avô, o meu pai, e os meus tios, as minhas tias tinham uma fazenda aqui no Córrego Preto, eles eram posseiros, todo mundo tinha sua posse. Aí apareceu lá um dos maiores guerrilheiros de terra, não sei se cês falaram nele aqui, Sinval Rodrigues Coelho. Da (trecho não identificado) foi terreno

guerrilhado pelo Sinval Rodrigues Coelho, lá era da Imapebra, a Imapebra depois tirou. Aí então eles apareceu lá na fazenda do vovô e quiseram comprar a fazenda, era muitos posseiros, os filhos tudo tinha uma posse, aí compravam, deram 72 mil reais na posse. Mas os, os filhos do vovô não podia vender porque eles tinham filho de menor. Falaram do doutor Joaquim, o doutor Joaquim era bom, doutor Joaquim era bom ó, era crêu nos outros entendeu? arranjam uma maneira aí, vendemos o terreno, as minhas irmãs era tudo de menor, pegaram os dinheiro dela e colocaram no banco, com direito delas tirar depois que elas ficassem de maior. Aí foi a, o Antônio que morreu semana passada, a Augusta, a Dedé, o Alaíde, Adolfa, e Augusta. Tudo tinha dinheiro lá no banco mas não podia tirar que era de menor. Então o seguinte, passado muito tempo, Alaíde veio de Belo Horizonte com um advogado, ela veio com um advogado em Valadares para verificar se ela tinha direito naquele terreno. Quando o advogado foi executar na lei, ela perdeu por 2 anos, se ela viesse 2 anos antes ela tomava a fazenda deles, e lá na fazenda aonde é lá, da nossa família, cê tinha que ver que lugar, uma baixa, é Córrego Preto, indo para o Cedro sabe, pro Córrego dos Pinto. Eu vou te falar procê uma conversa, tinha tora de peroba aqui ó, a grossura do pé da cana ia daqui naquela parede, ó, uma peroba que dava uma tábua de 4 metros de largura, para um chão de 4 metros de largura, a gente gastava uma carreta (trecho incompreensível) para carregar, que senão não trazia para a cidade. A Imapebra tinha, aqui em Valadares nós foi igual o Pará, aonde é a garagem da Valadarense era, cê sabe o que que era lá? Era a serraria Sifal, do Zé Iguai Ferreira Mato, senhor Josino Ferreira, senhor, o, como é que chama o homem, esqueci o nome do homem, já morreu também, essas porcarias tudo já morreram, deve tá lá no inferno, queimando as últimas cinzas daquela desgraça lá, entendeu? É isso rapaz, tô te falando com cê, era a nossa família, nós pelejamos para adquirir esse trem de volta mas nunca conseguimos, por causa da questão da lei, a lei não permitiu que nós pegasse a fazenda de volta. A última irmã tirou o dinheiro, ela tinha 2 anos que ela tinha tirado o dinheiro, perdeu o direito, é brincadeira uai, a história nossa aqui é terrível.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Gente, eu vou pedir licença, mas eu tenho compromisso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, nós te agradecemos muito.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não vou poder permanecer, tá boa demais a conversa, só de rever o Zequinha aqui já é uma alegria.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Só depois se você puder realmente verificar para a gente esse material do, é Tiago?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Diego.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Diego, vou perguntar pro Diego.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, e aí o senhor Marcelo nos faz essa gentileza de.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Vou anotar o telefone dele aqui.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível) querer também da dona Maria, já tenta de novo ver se eles estão dispostos, porque saber se vocês estão dispostos, porque vieram um pessoal da assembleia aí e não, deu um calote, preferiu ouvir os fazendeiros e coisa, do que ouvir, o único que eles com muita dificuldade ouviu foi dona Terezinha, por causa da fazenda do ministério, mas o pessoal que tinha coisa, né, vivo para contar não, eles não quis, que ainda era prova testemunhal viva.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que é gente que sofreu na pele, né, nós estamos contando uma coisa que.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A gente pode tentar resgatar isso para vocês e marcar uma vinda suas para ir lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cês tão contando o que ouviram falar, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É uai.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que nós ouvimos falar, aí eu tô falando isso com muita propriedade, porque eu participei da conversa.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Terezinha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Terezinha, eu vou ter que sair, não vou te escutar não, mas.

TEREZINHA: Não, né, mas cê já até sabe o que que eu vou falar, já sabe. Então, mas aí quando, quando (trecho incompreensível), né, que fala da importância, né, do, de ser ouvido pela comissão da verdade de Minas Gerais, porque eu fico imaginando que a verdade, a verdade é revolucionária, muito revolucionária. E, ter que falar a verdade, conduzir um projeto da verdade, né, é um projeto, é um projeto perigoso, então se é um projeto perigoso ele é um projeto revolucionário, aonde as pessoas, né, se coloca, e quando se coloca ele também, né, ele tem um, né, ele tá assumindo um papel.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O papel de que? De correr risco e cruzar os braços.

TEREZINHA: Mas também um papel de contribuinte.

De contribuição, é isso aí.

TEREZINHA:, né, de contribuir para que as coisas se torna, né, se torna público, para que as coisas se torna, né, popular, né, para que esse conhecimento que tá embutido, né, desde antes de 64, ele se torna, ele se torna um conhecimento, elemento público para a classe trabalhadora, né. Então a gente corre, né, de vários riscos, mas eu pauto mais por essa questão da verdade mesmo, né, de tá trazendo os conteúdos que vai ajudar as pessoas também saber, conhecer o território dele, né, onde ele mora, ou dela, né, conhecer o, com quem ele relaciona, quem são de fato os inimigos, né, com quem que a gente pode fazer parceria, com quem que a gente não, né. Porque tem gente que cê pode ser amigo, e tem outro que cê pode ser amigo e fazer parceria com ele, né, e outro cê dá bom dia e boa tarde. Mas acho que esses documentários, né, que vai se tornar um documentário que a gente vai ter acesso a isso, a esse.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Relatório.

TEREZINHA: Relatório, né, é, ele vai, ele também vai servir como um instrumento de estudo, né, para os nossos cursos de formação. É, a gente tá, nós tamo conversando muito nesse momento adverso, né, da conjuntura, a gente já faz muito essa formação lá na área de conjuntura, mas nós estamos conversando muito sobre a questão da formação, né, da formação nossa mesmo, que as vezes a gente tá nos movimento, no sindicato, mas a gente estuda pouco, a gente conhece pouco, a gente tira, a gente tira pouco tempo, né, para dedicar à classe trabalhadora. Então acho que é um, né, vai ser um relatório que vai servir para nós também, nós tamo propondo aí, nós, o movimento sem-terra, nós tamo construindo um programa de estudo da militância. Pelo menos duas vezes no mês a gente tem que parar e estudar, então nós vamos se apropriar também, né, desse relatório e faz parte do nosso, do nosso cotidiano. A outra coisa é que nós, é, aqui em Valadares, né, não sou Valadarense, sou Quartelense ausente, né, vim para Valadares pela, né, pela necessidade de conquistar terra e conhecer o movimento sem-terra, né, e vim pra aqui e me dei bem aqui na. Então, é, essa questão do medo, né, das pessoas, porque as vezes a gente fica: “Ah, fulano não vai pra rua, não vai”, até hoje as pessoas tem medo de ir em mobilização, muito medo, tem muita dificuldade para, né, para ir pras mobilização, quando vai fica com medo do outro conhecer ele, né, ou ela. Então se tornou essa do medo também, além da violência de Valadares ser cultural, o medo também se tornou cultural.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O preconceito também, né, porque o pessoal tem muito preconceito, quem vai pra rua é baderneiro, essa coisa que criou, desde 64, né, que fala em 9 mil, 10 mil pessoas.

TEREZINHA: Porque o Carlos Olavo escreveu o livro “Na terra dos rios sem donos”, foi depois de 64, né, quando ele relatou o que que aconteceu, e nós chegamos aqui, né, quando eu falo nós chegamos, o MST quando chegou em Valadares foi em 94, e foi o primeiro material que a gente começou a estudar aqui em Valadares para conhecer aonde nós estávamos, né, então um dia eu tava na fila do banco lendo o livro “Na terra dos rios sem donos”, e um senhor tava pra trás de mim, aí ele olhou o livro e pediu para ver a capa do livro, e na capa do livro tem, tem um arame, né, uma cerca de arame, aí ele falou, aí ele falou comigo, ler aquilo livro, perto das, é, no meio das pessoas era perigoso. Aí eu perguntei mas porque que era perigoso, aí ele não comentou porque, não sei se ele não sabia ou se ali não era o lugar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Provavelmente era um policial.

TEREZINHA: Então até estudar, até estudar é perigoso, é perigoso porque ocê se torna uma pessoa de, né, de conhecimento, né, próprio, conhecimento de história, que não é contado nas universidades, né, e esse conhecimento do (trecho incompreensível) aqui, popular, aqui junto com nós, isso não é coisa que ele trabalha lá na, na Univale, porque a Univale, né, a Univale não é Universidade que acolhe, popular que acolhe os filhos e filhas de trabalhador. Quando a gente entra, quando a gente entra na Univale, a gente entra porque força a porta e entra lá, né, então ela é do rico.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ela é uma universidade criada do público repressor, né.

TEREZINHA: Então esse conhecimento dele, esse conhecimento não vai pra dentro da Univale.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nós já tivemos caso Terezinha, e ali recente com o Marcelo Barreto que era coordenador do curso de Agronomia, tivemos um conflito com os posseiros da (trecho incompreensível). Tinha um decreto de Fernando Henrique Cardoso que mandava tirar todo mundo da beira da estrada, e eles apoderaram da estrada, da cidade dos meninos onde essas pessoas tiveram lá perto. E aí nós fomos conversar com eles porque eles tinham um projeto bonito, tava tomando posse da terra da cidade dos meninos, e aí ele disse, aí mandou tirar o pessoal, nós fomos intervir, falaram: “Ah Tião, é pobre, enfeia o nosso projeto, pobre enfeia o nosso projeto, então por isso que nós quer que tira todos os pobres de lá”, “Não quero que tira ninguém”, eu falei com ele: “Então cê não vai tirar, cê vai ter que tirar na marra, porque não vai tirar”. Tanto é que (trecho incompreensível), sabe o que que eles fizeram? Eles foram lá e meteram uma cerca na beira da estrada e puseram o pessoal para dentro da fazenda e soltaram gado. Nós fomos lá e falamos: “Então cês vai abrir a cerca que o gado deles vai pra

rua". Chamamos a imprensa na época, fomos lá meio dia, cortamos a cerca, aí quando foi de tarde no outro dia eles foi e voltaram a cerca pro fundo e liberou. E o pessoal, tinha pessoa de 70, 80 anos, tinha que passar debaixo da cerca de arame para chegar na casa deles, os caras são covardes, não gosta de pobre. Então ela é uma instituição da burguesia aqui, diferente de uma universidade federal de Juiz de Fora (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Uma coisa que eles fazem, dia de domingo eles vão tudo à missa e entra na feira de comunhão e comunga.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível).

TEREZINHA: E os padres dão a hóstia pra eles, né. Então, mas aí a outra, a outra questão Zequinha, ontem a gente conversava sobre, né, sobre a ex Fazenda Ministério, que hoje graças a lutas do MST e a Deus, né, para nós que acreditamos, né, aonde foi o, o lugar do golpe, aonde foi o tiro de guerra, né, que segundo os comentários já mataram muita gente, hoje é um assentamento, né, que produz vidas, mas tem gente que fala: "Ah, mas o assentamento Oziel não produz". Não produz para o olhar das pessoas, mas para nós, na visão, é.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na visão do agronegócio talvez não, né.

TEREZINHA: Porque as pessoas, pros mais pobre que ele seja, a visão dele ainda é de, das grande produção, mas o assentamento, não é só o assentamento Oziel, o assentamento, né, aonde mora o Claudinho, o acampamento aonde tá o Tião, assentamento onde tá o Zé Aparecido, lá não tem grande produção, porque as condições também financeira e política, né, contribui para que a gente, né, produz nem o suficiente. Mas a produção de vida e de conhecimento ela tá acima de tudo, então a produção de vida e de conhecimento.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O pessoal da cultura.

TEREZINHA: Da cultura, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Da questão política, né, porque as vezes na cidade não consegue fazer.

TEREZINHA: Porque isso, isso então aí supera qualquer tamanho de produção do agronegócio, né, então nós já conversamos sobre a, o Djalma, né, o que que foi o Djalma para nós.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O cabo Djalma.

TEREZINHA: O Cabo Djalma nas ameaça, né, quando nós tivemos, nós conversamos ontem lá em casa sobre isso, e assim, as pessoas também eles vão se enrolando tanto, tanto, que depois

ele se enforca na própria corda, né. E foi o que aconteceu com o Djalma, aí cê fala assim, cê nem sabe que ele morreu, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Um-um.

TEREZINHA: Então deve ter uns 10, 15 dias que ele aposentou na polícia, foi trabalhar de guarda no.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, é aquele que morreu?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É aquele? É o que morreu?

TEREZINHA: E daí.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Acabou de falecer, o infeliz.

TEREZINHA: E daí ele, ele foi pegar, os cara chegou para roubar, então o cara é tão autoritário, né, era tão autoritário que foi pegar os caras na linha, e aí acabou se enrolando na própria corda, né. Ele, por nossa conta ele ia viver até, né, virar semente.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Até para (trecho incompreensível), né.

TEREZINHA: É, aí já viu.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então assim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas a gente não deve gloriar com a morte de ninguém não.

TEREZINHA: Claro que não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nós não gloriamos com a morte de ninguém.

TEREZINHA: Mas.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nós queremos que essas pessoas se convertem, entendeu?

TEREZINHA: Mas entre matar e morrer é preferível que eles morre pra lá, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É preferível que eles morra pra lá, mas não é nós que vamos matar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Deixa eu só aproveitar essa fala da dona Terezinha que é uma fala muito boa, porque o senhor tá preocupado, e na hora que nós apresentamos aqui, né, o senhor ainda não tinha chegado. Nós somos um grupo da comissão da verdade de Minas.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E que a nossa perspectiva de trabalhar a partir dos vencidos, e não dos vencedores tá, então isso daqui vai ser tudo coletado, esses depoimentos,

essa memória, e vai ser feito um relatório, né, porque o que a gente quer é saber daquelas pessoas que foram perseguidas, mortas, que estão desaparecidas. Então aqui é tudo gente que é da universidade, são pesquisadores, não tem ninguém ligado à polícia nem ao governo, né, nem a partido. A ideia é tentar reproduzir essa memória, que a gente chama de memória e verdade, para que essa história que as vezes nunca foi contada, ela possa aparecer. E a gente ainda consegue muito pouco, muito pouco porque as dificuldades são muito grandes, por exemplo, o Aroldo falou aqui, o ideal é que a gente ficasse aqui em Valadares 6 meses pesquisando, e a gente talvez ainda não consiga ouvir todas as pessoas, ter acesso aos documentos. Mas só de aparecer no livro que tem essa história aqui de Valadares, precisa de mais pesquisa, que tem muita coisa que ainda não foi esclarecida, né, isso já é um primeiro passo para que isso não seja esquecido.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E os próximos fica querendo saber o restante da história.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Exatamente, ainda mais nesse momento que a gente vive, né, tão querendo passar uma pá que cão em cima de tudo, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Você me falou uma coisa que me fez lembrar daquilo que Jesus falou, Jesus falou: “Conheceis a verdade e a verdade voz libertará”.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Exato.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que quem é livre fala a verdade, quem é livre corre atrás da verdade, quem não é não corre, faz igual o defunto que ela falou nele aqui agora.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Conclui aí para nós Terezinha.

TEREZINHA: Igual o professor Jaider, não sei se deve conhecer por nome, o professor foi secretário de educação no governo anterior, né, foi preso, é, depois tá trabalhando em outro, em outro estado. Mas o professor Jaider teve os limites que a humanidade tem, mas foi um cara que colocou a educação, aqui a, o, né, o educacional que tava proposto ele conseguiu fazer, porque não teve um secretário de educação que fizesse o projeto de educação que botasse os estudantes dentro do espaço de, de aonde aconteceu os massacres aqui de Valadares. Então o ano passado nós recebemos todas as escolas de Valadares, desde a, dos anos iniciais até dos últimos anos do município, para poder, para essa, para contar essas histórias para os estudantes. Então Valadares hoje tem muita gente que sabe disso que a gente tá conversando aqui, né, então, graças a um projeto, né, que, empurrado até, né, por goela adentro. Vai pagar, pagou caro por isso, vai pagar, vai continuar pagando, porque a pessoa quando ele é preso no nível que ele

foi, ele vai responder processo o resto da vida dele, né, tá, soltou, tá livre? Tá não, ele vai responder processo pro resto da vida dele, por tentar também colocar uma coisa na pauta do dia. Agora nós não, né, nós tamo, nós somos livres pra falar, né, eu posso falar tudo que eu sei e tudo que eu quero falar, porque eu não tô atrelado a nenhum estado, nenhum governo, assim, entre aspas, né. Mas num tô atrelado, eu não sou funcionário do estado, eu não sou funcionária de universidade, né, eu não sou funcionário de ninguém, né, eu sou dona, né, da minha história, né, dona do meu povo, dona da minha terra, né, ou dona da nossa terra. Então a única coisa, o risco que eu posso correr é de, né, de perder, perder a vida.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Terezinha, me permita um parênteses, aconteceu recentemente, o ano passado, o ano passado, nós estamos em fevereiro, nós fomos chamados naquela discussão da questão do direito aqui em Valadares, quando tava iniciando aquela questão, já dentro da questão do golpe, cê lembra naquela coisa que foi eu, você e o Claudinho fomos chamados na Universidade, com os professores e, aqui na universidade, diz que teve um reboião danado. Dois momentos, um foi quando nós foi fazer a discussão na semana da reforma agraria, e o reitor ligou imediatamente, o professor Reinaldo, né, o Adolfo tava na mesa com nós também, e quer dizer, porque que eu não tinha sido convidado também (trecho incompreensível) deu uma repercussão danada, cê tava aqui?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A professora Taiara que me contou isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A professora Taiara tava, ligou na hora. E esse segundo momento, aí foi uma fala minha, que eles perguntaram, os caras começaram a perguntar, porque o (trecho incompreensível) tinha dado uma acomodada, a Terezinha não quis entrar, eu falei: “Não, essa coisa é o seguinte, é, acho que, é, nós não tamo aqui para provocar a violência, agora também nós não vamos dar o peito pra morrer de graça, nós temos nossos esquemas de segurança própria”. Diz que esse trem deu, aí ele me perguntou uma outra pergunta que eu respondi, a questão da violência as vezes ela é reciproca, se alguém me violenta eu vou reagir com violência também, foi mais ou menos o ponto. Diz que esse trem deu uma preocupação, eu falei: “Reinaldo”, professor Reinaldo aqui cê deve conhecer, que tava organizando.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: “Eu sou do movimento, então eu não sou professor, não sou do poder público, eu vou (trecho incompreensível) do movimento aí, é isso, eu vou morrer, nós vamo morrer, vai deixar fazendeiro (trecho incompreensível) e nós vamo ficar esperando? Vamo morrer de graça, não.”

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E as nossas universidade federal tá dentro do território deles, então é lá que nós vamos entrar. A universidade federal, né, ela foi, ela foi criada para que nós, né, nossos filhos e nossas filhas pudessem ir participar, e, né, a gente.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas a classe média não pensa assim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas elas não pensa, então quando nós fomo trabalhar a semana da reforma agrária no Pitágoras, porque a universidade tá no Pitágoras, e de quem que é o Pitágoras?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível) Maresguia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então, e aí o shopping, o shopping ali é de quem? Então na hora que nós chegamos lá que fizemos a ornamentação na entrada, para ir, para fazer o trabalho, nós ia fazer um trabalho sobre a reforma agrária e sobre a saúde, natural, apresentar as práticas, aí já, o cara lá da segurança já recebeu um telefonema logo né: “O que que tá acontecendo aí?”, lá do shopping, e já ligaram: “O que que tá acontecendo?”. Aí o rapaz começou, muito preocupado, não sabia também, nós não tava dando atenção, e aí já chamou o professor Reinaldo e já conversou, e já veio falar comigo, eu falei: “Não, tudo bem, isso aqui é passageiro, vai ser coisa rápida, você não precisa se preocupar”, e fomos lá pro restaurante popular almoçar, né, então ó, o negócio ficou lá, daí no outro dia que foi lá da, da Universidade. Então, concluindo assim, na questão de, de, desse momento importante aqui, eu considero, né, enquanto, né, enquanto militante do sindicato, né, do MST, né, mulher militante, eu considero esse momento aqui muito importante, porque aí a Lucivanda já tocou ai, né, que já veio, né, veio a TV Assembleia, que fez um documentário, né, nós não ficamos tão satisfeito.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Botou assim, muito intelectuais os fazendeiros, mas os trabalhador mesmo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas já é um, já é um documento que a gente já (trecho incompreensível) ele, né, tá lá ó, “Na lei ou na marra” o nome do documento. Então quando fala na lei ou na marra, todo mundo quer ver, aí eles vão ver quem são, né, também quem são os fazendeiros que tá lá, quem tá dando as entrevista, né, as próprias pessoas que apoiaram o, que apoiam a classe trabalhadora tá lá também se colocando, né, mediante isso. Agora vem a Comissão da Verdade, faz um relatório que vai servir pra nós também, né, levar pros nosso foco de estudo. Porque ele só isso aqui, só isso aqui tem importância se a gente der importância para ele, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E aqui outra coisa, é o seguinte, nós estamos fazendo um relatório para a subcomissão que é a nossa, de trabalhadores rurais, é pra Minas Gerais inteira, então a gente não dá conta, o estado tem 853 municípios, visitar todos os municípios. Então nós pegamos alguns casos mais importantes, então Valadares é um deles, né, depois tem outro lá no Norte de Minas, região lá de Montes Claros e tal, depois tem o Triangulo Mineiro, então nós estamos pegando esses casos que são os casos mais sérios hoje de violência no campo, hoje teve a perseguição, morte, né, por isso que eu tava falando aqui no início que além dos relatos, que eles são muito importantes para resgatar essa memória, a verdade, para que a gente possa responsabilizar agentes públicos, policiais, juízes, promotores e tal.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O estado, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aí a gente tem que ter documentos. Mas para o relato da história, essa história de vocês, o relato é suficiente, o relato já é suficiente, porque bate, né, o que os senhores estão dizendo aqui com outros que já falaram, né, é exatamente essa história da violência. Então para a parte, inclusive a gente vai fazer recomendações e tudo, os relatos são muito interessantes. Agora, para que a gente fale: “Olha, nessa morte aqui o mandante foi o policial tal”, aí a gente tem que ter uma prova, uma prova documental, alguma coisa que, né, deixe claro essa relação de causalidade que a gente chama. Independentemente disso, a gente sabe de que os trabalhadores rurais foram e continuam sendo perseguidos, nós vivemos um momento político aqui hoje, todo esse ódio, essa raiva tá de volta novamente, os movimentos sociais estão no foco das tensões de novo, né, e que há um discurso de ódio radical, ódio com os pobres, os trabalhadores, os sem-terra, né. Então também esse trabalho de resgate.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sem-terra, todo mundo, a classe, as camadas pobres tão. Oi Zé, cê queria colocar mais alguma coisa?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E aí a gente vai olhando os documentos, alguns documentos, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Igual lá no, lá na biblioteca nós ganhamos uma coleção, um camarada muito importante que tinha aqui em Valadares, que é o professor Fernandão. Então antes do Fernandão, bem antes dele morrer, ele doou uma coleção de, do jornal, aí eu não sei se é o Saci.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É o que morreu afogado?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, Fernandão.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Professor Fernandão.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Professor Fernandão, do PCB.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah sei, o pai do Felipe, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pai do Felipe.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Como é que chama o cara que morreu afogado?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aquele lá é Edson.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, Edson.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É. Mas aí a gente, eu posso tá dando uma olhada, né, quem sabe a gente acha alguma coisa.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mais alguma coisa, isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mais alguma coisa documental.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A dona Sônia é do Urucuca né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, mas a dona Sônia é mais nova, é melhor o pessoal (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, eu sei, mas tô falando o seguinte, porque ela, ela guarda muito material assim, entendeu.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, pode ser também.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu queria só o seguinte, no caso, (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu acho que tem uma comunidade aqui que tá bem próximo (trecho incompreensível) que é Santa Cruz ali ó, Santa Cruz teve um caso concreto ali, negócio de enterramento de pessoa viva. Eu lembro de um dia eu conversando.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas tem que ter pessoas, isso que eles tão falando, pessoas que.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que conta, que viu isso, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu lembro um dia eu conversando com uma pessoa de lá e a pessoa (trecho incompreensível) entrando no assunto também não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pois é, esse que é o problema.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, eu acho que bom, tô só tocando no assunto, porque eu acho que é um fato interessante que aconteceu ali, e tem morador lá ainda que.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tem que tentar descobrir isso lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tem que tentar descobrir.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu acho que é uma coisa que nós vamos ter que continuar fazendo isso, entendeu?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Se vocês tiverem mais informações, coisa concreta, entra em contato com a gente, por que por exemplo, se a gente tiver pelo menos algum indício disso, mesmo que a gente não consiga descobrir, entra no relatório e fica passível de investigações futuras, entendeu?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Futuras, igual o Juscelino mesmo, que o Carlos Olavo conta, depois eu conheci o Juscelino, né, só que pouco tempo depois que nós conhecemos ele no Tabocal, antes da gente conversar com ele, ele morreu, aí.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pois é, porque por exemplo, esse caso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas ele tem irmã.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nesse caso de pessoas enterradas vivas, isso por exemplo é uma coisa importantíssima, assim como o caso dos trabalhadores se eles foram julgados no crime, a gente precisava de pelo menos um familiar que falasse: “Ó, no dia tal, (trecho incompreensível) aqui dentro de casa, desde então nós nunca mais vimos ele, mas me falaram que foi jogado no rio e tal, em tal data, aconteceu isso”, isso é o que a gente precisa. Por exemplo, lá na Galileia, se tiver uma família que fala: “Ó, o meu filho ele foi enterrado em tal lugar e tal”, uma coisa assim, a gente pode até pedir perícia pra ir nesse lugar e verificar se tem algum corpo mesmo, mas então é uma coisa mais concreta, sabe?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É igual quando nós falamos do seu Valdivino, seu Valdivino tá com seus 96 anos, e foi nessa região né Zé? Nesse meio, que ele mora no, depois do rio Saçuí, então é nesse meio.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mora inclusive lá perto da fazenda da Belgo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mora perto da fazenda da Belgo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pois é.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então e a fazenda dele tem a ver com esse problema da Belgo, que é divisa, entendeu?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu quero assim, lá na (trecho incompreensível), segundo dona Maria, e aí nós não chegamos a conversar com essas pessoas, lá tem pessoas que são assentado hoje e que ajudou a despejar aquelas família no córrego, era pessoas que foi, nós falamos mais (trecho incompreensível), né, (trecho incompreensível) da polícia, e do próprio (trecho incompreensível) que fez aquela tragédia toda lá. Então a dona Maria (trecho incompreensível). Mas a dona Maria ela fala que ela tem uma revolta, que as pessoas que ela viu jogar os trem dela para fora hoje tá lá no mesmo assentamento que ela tá. Aí eu já falei com ela: “Calma dona Maria, que vai que essas pessoas (trecho incompreensível). Acho que essas pessoas são pessoas que se (trecho incompreensível) ela vai citar nome dessas pessoas, e aí pode ter que procurar essas pessoas, que eles podem contar alguma coisa. Agora, eu acho que a maioria, acho que o Arão foi feliz na fala dele, eles não vão, a maioria não fala porque eles tem medo da repressão (trecho incompreensível). E aí eu só queria dizer, pra concluir a minha fala (trecho incompreensível), talvez assim, (trecho incompreensível). Mas eu acho que é uma coisa que tem que fazer avaliação, eu conheço todos os assentamentos daqui da região, todos, todos, não tem um que eu não conheço. Então tem gente lá que as vezes ele não conseguiu desenvolver na produção, mas tem alguma coisa que ele melhorou, que ele tá livre, tem gente nos assentamentos, que se vivesse hoje na cidade ele não aguentava pagar o aluguel. Então tá lá, pelo menos namorada ele tem, pelo menos isso (trecho incompreensível). Que muitas vezes eu costumo falar o seguinte, as pessoas (trecho incompreensível), tem que ter cuidado com essa palavra (trecho incompreensível). E isso é, essa disputa que tem hoje, a violência tá tão grande na cidade por causa disso, por causa do inchaço, o povo não tem pra onde ir vai, né. Então acho assim, acho que os assentamentos deu esse salto de qualidade.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Vocês, é, você sabe o que que é bate pau? Bate pau sou eu por exemplo, eu não sou militar, mas a justiça me convida para mim ir lá na sua casa e fazer o que for necessário contra você, então eu vou, eu recebo dinheiro para isso, eu sou um bate pau, não sou militar, não sou autoridade nenhuma, mas vou lá. Tem gente que é bate pau pro natureza, vai fazer, eu conheci um cara, seu Francisco era bate pau, ele batia mesmo, cê entendeu?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Como que a gente pode ter por exemplo essa, quem da justiça que convidou, foi um delegado, um juiz, foi um policial militar, quem que convidou?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É algum deles, é um policial militar ou um cara da justiça, por exemplo aqui em Valadares tinha um cara.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E esse bate pau ele poderia falar isso, “o delegado tal me chamou e pediu para eu ir na casa do fulano e mata-lo”.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso, isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tem uma pessoa que fala isso?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O difícil, é porque na época, na época que existia esse bate pau, esses bate pau tudo um muncado já tudo morreu.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pois é.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Seu Francisco já é morto, mas ele era bate pau.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas tem o que o Cadinho falou que tá vivo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, lá do.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho não identificado).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tem uai, aí ó.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E eles fariam isso?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não sei.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho não identificado).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Porque se ele falasse assim: “Olha, uma vez o policial tal me chamou e falou ‘vai na casa do fulano e pode matar ele, eu te protejo’”. Aí, não é para condenar essa pessoa, mas para mostrar que ele obedecia uma ordem de um agente público que era um policial.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso aí ó.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não é para perseguir o fulano não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aí teria que ir lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho não identificado).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas lá tem.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho não identificado).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 120 quilômetros, não é isso?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E esse do assentamento.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A famosa Urubuca.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah tá. Aqui nós estamos levantando duas questões, que eu não sei se nós vamos conseguir, mas a gente pode tentar alguma coisa, vocês também vê se consegue avançar e nos informar, que é desse assentamento do Urubuca, e esse caso que cê tá falando de Galileia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Galileia, uhum.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Zé fica, que conhece o pessoal para levantar isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, se vocês conseguirem, com todo cuidado que tem que ter, né, que cês conhecem melhor essa coisa que nós, né, mas nesse momento a gente precisava de, ou pessoas que participaram dessa trama e queiram falar, ou documentos. Por exemplo, se tem um inquérito policial numa delegacia, que cês sabem, a gente pode xerocar, pôr um processo no fórum, que fala de um caso como esse, né, que fulano tenha sido morto a mando de não sei quem através do delegado. Mesmo que não dê nada o inquérito, mas só de ter um inquérito, que é uma prova documental, isso nos ajuda demais da conta. Esse material vai ser relatado e vai ficar, se a gente não der conta de apurar, para que futuramente isso seja, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não fique esquecido.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Exatamente, porque essa que é a ideia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cês vê que nós, toda essa movimentação que a gente tem, antes é aquilo que o Zé falou, muita preocupação de reorganizar o sindicato, mas de tomar cuidado com esse passado, foi a partir do livro “Na terra dos rios sem dono”, a gente foi começar, nós tentamos introduzir isso no currículo escolar aqui, quem é que centrou, muita dificuldade, porque é conhecer a verdadeira, e ainda é muito camuflado, né, muito romantismo, a questão do livro, mas.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É igual você está falando, olha para você ver, vocês estão fazendo história. Por exemplo, só para eu dar um exemplo claro, né, pro pessoal hoje aqui do sindicato, tudo isso que vocês estão vivenciando, mesmo que não possa ser aberto no momento e falado, isso deve ser registrado. Como por exemplo esse processo do trabalho escravo, cês devem, cê tem a cópia desse material sempre e tal, mesmo que agora isso não pode aparecer, isso tem que ficar aqui com o sindicato e com alguém, para futuramente isso servir de memória. O problema que nós inclusive, até a dona Terezinha do movimento social,

esquecemos de guardar as coisas, os documentos, fazer uma foto entendeu, do que aconteceu.

“Ó, eu fui lá na faculdade fazer aquela palestra aqui, aquela foto foi naquele dia e depois deu maior buchuchu na cidade”. Esse registro ele é importantíssimo para a reconstrução da memória, porque a fala, a fala mesmo sendo uma fala verdadeira ela sempre pode ser contradita pelo outro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Uhum.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Agora se eu tenho, “Não, estive lá, aqui a foto do dia que eu fui lá. Olha a cópia aqui do inquérito que eu fui chamado para depor”. A pessoa vai ver depor você pode pedir a cópia: “Quero uma cópia do meu depoimento”.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A outra questão da foto é que ela também se perde, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Se perde, e outra coisa, não tem aquela coisa de quem diz um conto aumenta um ponto? O senhor falou aqui, o outro que vai contar já faz uma versão um pouquinho diferente, e outro um pouquinho diferente. E para ver lá como é que foi originalmente como é que fica?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas o trabalho escravo aqui foi grande, sabe por quem? Pela companhia siderúrgica Belgo Mineira.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pois é.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eles queimavam carvão, 50 metros de carvão, 100 metros de carvão para mandar lá pra Luxemburgo, depois nós descobrimos que ia para Luxemburgo. Então o seguinte, e eles fazia trabalho escravo, ocê sabe o que que é Boró?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cês sabem o que que é Boró?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Boró que eu conheço é uma, um produto que abelha faz em flor.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cê sabe Terezinha, o que que é Boró?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, pode falar aí pra nós saber uai.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Quem não sabe o que que é Boró, Boró é dinheiro companheiro, é dinheiro. Fulano tá, passou, fulano tá cheio do Boró, sabe por que? Porque a companhia siderúrgica Belo Mineira, eu era um metreiro, media o carvão para a sociedade que tava fazendo carvão pra Belgo. Aí eu dava um vale desse tamanho assim, escrito tantos metros de carvão. A Belgo Mineira tinha um armazém lá no Sir, do lado de lá do Saçuí, um armazém que tinha (trecho incompreensível) de cabeça e uma lata de querosene. E ocê ia lá com o Boró, pra

comprar sua compra do mês, cê comprava um arroz, comprava feijão, comprava botina, comprava aqueles pano de armesse que ele faz, cê lembra aqueles amesse que eles fazem, comprava aquilo pra mulher fazer calça e camisa em casa pros homens. Era trabalho escravo companheiro, que a Belgo Mineira usou aqui, e muitos anos, liderado pelo coronel Altino Machado, esse vagabundo que fica no meio de nós falando merda no meio de nós aí é, e querendo ser candidato ainda, é, o negócio dele é ser candidato. É brincadeira, companheiro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A gente sabe dessa história, quer dizer, na verdade esses vales, né, a pessoa recebia muito menos do que trabalhava, e a mercadoria do armazém valia 10 vezes o valor de mercado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Quer dizer, valor do mercado, era um trabalho escravo, eles trabalhava pra comer, cê tá entendendo?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Meu pai foi carvoeiro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O camarada trabalhava no foro de carvão, tava sujeito a, era negro, sujeito a pegar uma tuberculose, a morrer de tuberculose, e não tinha tratamento também não companheiro. Nós temos, Governador Valadares é uma cidade, pelo amor de Deus rapaz, pelo amor de Deus, chego a arrepiar assim, de ódio. E cê sabe como é que eles filiava as pessoa num partido? meu pai era filiado na UDN, não sei se ocês conheceram, conheceram a UDN? União da desgraça nacional.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Democrática nacional.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É união democrática nacional, mas era da desgraça nacional, sabe como é que eles faziam para filiar o meu pai na UDN? Eles levavam o papai e a mamãe lá do fórum, chegava lá, pegava um papel da filiação do camarada no partido, e o papai assinava, sabia só assinar o nome também, não sabia ler nada, né, assinava. Aí ficava como se fosse filiado da UDN, eles fazia as convenções deles e colocava quem eles queria no poder, é brincadeira pô, é de chorar esse trem.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível) é um pouco isso, é, né, o resto tá ali que tem os jornais lá que cês depois vão, o material tem, para ver porquê.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Assim que vocês tiverem mais informação.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E aí cê vai correr atrás dessas coisas aqui.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nós temos, os nossos companheiros aqui da universidade federal, o professor Marcelo aqui, professora Taiara, o professor Renato e o Tiago, o que vocês passarem para eles, eles mandam pra gente. Agora, esse documento, esse material como é que nós poderíamos fazer em? que tem essa entrevista, será que a gente poderia levar, digitalizar e....